

# MEGA 5

JORNAL  
DO AGRUPAMENTO  
DE ESCOLAS DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

JULHO 2024

ANO LETIVO 2023/2024

### III Andámos pela Europa



### III Desenho- Água



### III Europa



### III Desporto Escolar-Badminton



### III Sarau



### III Dia da Criança



### III MURAL DE ABRIL



### III Estudo à Universidade



## Editorial

## Interculturalidade: um mundo de diversidade e aprendizagens

A tese do «choque de civilizações» apenas serve para fomentar o caos e as guerras. A verdade é que as civilizações que ainda restam estão a misturar-se numa civilização global. Subsistem, hoje, as divisões políticas, étnicas e culturais, mas essas divisões não põem em causa a unidade fundamental.

A interculturalidade permite construir, a médio ou a longo prazo, sociedades mais criativas, cívicis e prósperas, assentes nos valores humanistas da democracia, liberdade, igualdade e fraternidade. No ambiente escolar, as interações sociais e culturais manifestam-se de maneira única, oferecendo uma oportunidade preciosa para alunos, professores e toda a comunidade educativa.

A interculturalidade vai além da simples coexistência de diferentes culturas. Proporciona uma interação profunda e significativa, onde o respeito mútuo e o processo ensino-aprendizagem fazem parte do quotidiano. Numa escola as permutas culturais podem ocorrer através da música, da dança, de festas tradicionais e de narrativas de histórias e experiências dos estudantes de diferentes origens. Cada cultura representa um conjunto único de

valores, crenças e práticas, que podem enriquecer o entendimento do mundo de todos os envolvidos.

Essa interação abre os horizontes dos alunos, mas também fortalece habilidades essenciais para o século XXI, como a empatia, a comunicação intercultural e a resolução de conflitos. Num mundo cada vez mais globalizado, essas competências são indispensáveis. Além disso, a interculturalidade promove um ambiente escolar mais inclusivo, onde todos se sentem valorizados e respeitados.

No entanto, a prática da interculturalidade requer um esforço consciente. É necessário promover espaços de diálogo e atividades que incentivem o encontro entre as diferentes culturas. Isso pode incluir feiras culturais, palestras proferidas por sociólogos, historiadores, filósofos, psicólogos e outros pedagogos de origens diversas, múltiplas atividades proporcionadas pelos diversos clubes, intercâmbios entre escolas de diferentes países, realizados através do Programa Erasmus, que existe no AEOH há vários anos.

Este ano resolvemos aventurar-nos num novo projeto. No âmbito da disciplina de Cidadania

e Desenvolvimento, organizámos um Sarau Intercultural. Esta iniciativa incluiu exposições, gastronomia e um espetáculo divertido e participado - com canto, música, dança e recitação de poesia - onde os protagonistas foram alunos, professores e pais oriundos das diversas nacionalidades que existem na escola. O Sarau partilhou algumas tradições culturais dos participantes, celebrou a diversidade e contribuiu para a comunhão da nossa comunidade, constituída por alunos de 25 nacionalidades.

O AEOH é conhecido por apresentar, todos os anos letivos, planos de atividades vastos, ricos e variados. Este ano, isso voltou a acontecer. Creio, sinceramente, que o Sarau Intercultural acrescentou um novo elã a este plano. Que o nosso Agrupamento continue a ser um berço de aprendizagem intercultural, onde cada cultura encontra o seu lugar e todos aprendem a importância do respeito e da convivência harmoniosa.

Lúcia Torgal: Coordenadora de Cidadania e Desenvolvimento

## Reflexões/Opiniões

## 25 de Abril, hoje, amanhã e sempre!

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a Amnistia Internacional proferiu uma frase que servirá de mote ao nosso texto, por considerarmos que resume uma das maiores conquistas de Abril. Afirmaram: "É preciso proteger a liberdade! A nossa liberdade! A liberdade de dizer o que pensamos. A liberdade de ocuparmos as ruas de forma pacífica. A liberdade para nos manifestarmos online. A liberdade para sermos quem somos. A liberdade para concordar. A liberdade para discordar. A liberdade para agir." Quando, há 50 anos, um grupo de jovens capitães levou a cabo um golpe de Estado, em menos de 24 horas, o rumo da história nacional mudou decisivamente. Porém, não nos esqueçamos que a liberdade não está, eternamente, garantida e esta ideia deve estar sempre presente em nós.

Como sabemos, a revolução de 25 de Abril de 1974 colocou fim ao regime ditatorial do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar, numa primeira fase, e por Marcello Caetano, numa segunda.

Contudo, ao longo de quatro décadas, o regime não permaneceu igual, sofrendo algumas «alterações cosméticas», que não passaram disso: mudanças aparentes. A realidade vivida em Portugal não melhorou e que o diga quem viveu nessa época. Numa época onde não se podia dizer o que se queria, não se podia ler o que se queria, não se podia acreditar no que se queria.

Além disso, no meio das dificuldades vividas, estalou também, em 1961, a guerra colonial. Treze anos de privações, dificuldades, ausências e mortes que o regime parecia querer ignorar. Afinal, estávamos orgulhosamente sós, numa Europa que já havia descolonizado e onde Portugal era ainda um império uno e indivisível, do Minho a Timor.

Felizmente, a Revolução dos Cravos terminou com tudo isto e, embora o caminho não tenha sido (nem seja) fácil, o direito à liberdade faz com que tudo valha ainda mais a pena. É, de facto, verdade que ainda hoje enfrentamos várias dificuldades, mas as

democracias são regimes em permanente construção e com imperfeições, mas onde as melhorias se fazem em conjunto, através do diálogo e de uma sociedade plural. Aliás, a democracia é um Direito Humano e que só pode ser preservado com o empenho e dedicação de todos. Afinal, dizia Mário Soares, a democracia é difícil, mas é a única luta por que vale a pena lutar.

Por fim, resta relembrar que a liberdade é como uma planta, precisa de cuidados constantes para florescer. Cabe a cada um de nós regá-la com o nosso compromisso, a nossa voz e a nossa ação. Só assim construiremos um futuro onde a liberdade seja um direito para todos, e não um privilégio para poucos. Juntos, podemos manter viva a chama da liberdade para as próximas gerações.

Daniela Guimarães,12.ºB, Matilde Santos,12.ºB, Mafalda Correia,12.ºC

## Revolução dos Cravos – O repto da vogal suprimida!

25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo

Sophia de Mello Breyner Andresen, 1974



Era cedo quando ecoou "Grândola, Vila Morena", a canção que marcou o começo da Revolução dos

Cravos, e que, desde então, se tornou o seu hino. Esta revolução, marcada pelo escasso número de mortes, desencadeou-se no quarto mês do ano.

O golpe de Estado, comandado pelo M.F.A., desmantelou uma ditadura que perdurou por quase 40 anos e estabeleceu a 3ª República em Portugal. O grande suporte da população portuguesa à revolução mostrou o cansaço, a saturação em relação à censura e à repressão. A marca dos cravos nas armas dos soldados e nas roupas da população marcou-se a "ferro e fogo" na mente dos portugueses, tornando-se um dos poderosos emblemas deste momento. Mesmo após 50 anos, devemos agradecer a todos

aqueles que tomaram capaz esta revolução e que nos presentearam com a Democracia que conhecemos hoje.

Agora que acabou de ler este texto, poderá contar quantas vezes aparece a 3ª vogal do alfabeto (após o "e" e antes do "o") e chegar à conclusão que aparece 5 vezes, para comemoração dos 50 anos desta data. Durante uma palestra sobre esta data, aquando do projeto Parlamento dos Jovens, apresentáramos um texto sem esta letra e eu propus-me a fazer um. Repto alcançado.

Elvira Silva - 9º H  
Escola Básica da Cordinha



## A verdade tem perna curta: fake news, desinformação e redes sociais

A definição de verdade é algo que tem ocupado os filósofos ao longo de vários séculos, embora ainda não se tenha obtido uma resposta concreta. Há mesmo filósofos que defendem que a verdade não pode ser alcançada, embora deva ser procurada por cada um de nós.

Contudo, não é sobre o significado teórico de verdade que pretendo refletir, mas sobre os limites que se estabelecem a este conceito e, sobretudo, com que facilidade é que uma mentira se consegue disfarçar de verdade. Estas são questões muito complexas, mas que merecem a nossa atenção, até porque temos de ser capazes de adquirir ferramentas interiores que nos permitam proteger das mentiras e, pior, das mentiras que parecem verdade. Foi esta reflexão que Joaquim Furtado (jornalista e diretor de programação da RTP na década de 90) e Clara Almeida Santos (doutorada em Ciências da Comunicação, investigadora do CEIS20 e professora na Universidade de Coimbra) fizeram, numa sessão intitulada «Jornalismo, Fake News e Redes Sociais», realizada a 4 de maio de 2023, na Sala de São Pedro, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Tal reflexão foi publicada no livro Portugal 50 anos depois do 25 de Abril, que teve a direção científica de João Gouveia Monteiro e foi editado em 2024.

Ou seja, o que pretendo colocar em debate é a nossa capacidade de distinguir as falsidades das verdades e de não propagar essas mentiras encapuzadas. Numa primeira análise, certamente todos nós nos achamos plenamente capazes de fazer esta distinção, até porque sabemos a teoria: verificar as fontes, não consultar apenas uma via de informação, comparar as informações com a realidade, confiar mais em documentos do que na memória, etc. É certo que este é o primeiro passo, mas o que é que devemos fazer quando as fontes nos falham? Ou quando as fontes são deturpadas? Nestes casos, que são mais recorrentes do que julgamos, de repente, as nossas ferramentas antifraude abandonam-nos e precisamos de novos instrumentos que nos permitam ultrapassar as falsidades.

Certamente todos nós nos lembramos, por exemplo, da trágica Guerra do Iraque (2003-2011), que foi provocada por uma mentira: o conflito foi desencadeado pelos Estados Unidos contra o Iraque, com base na informação falsa de que o país então governado pelo ditador Saddam Hussein dispunha de armas de destruição maciça. Milhares de pessoas morreram por causa de uma mentira!

De todo o modo, convém salientar que não foi caso único, embora tenha sido dos mais gravosos. Ainda que possa citar vários exemplos, escolho um que termina de um modo mais interessante e que se baseia numa emissão radiofónica transmitida por Orson Welles, em 1938, onde o locutor cria, em direto, uma encenação inspirada no livro de ficção científica A

Guerra dos Dois Mundos, de Herbert George Wells. A obra narra a queda de um cilindro metálico, que se pensava ser um meteoro, mas de onde começam a sair marcianos que queriam conquistar a Terra e destruir a humanidade. Contudo, o problema adveio do facto de algumas das pessoas que estavam a ouvir a emissão pensarem que se tratava de um ataque verdadeiro e fugirem das suas casas. Esta situação não se trata de uma mentira, mas de uma desconstrução do que foi transmitido, precisamente por os ouvintes não terem seguido a emissão desde o princípio. De todo o modo, serve para corroborar a tese de que nem sempre nos bastam as fontes, sobretudo se as mesmas forem apresentadas fora do contexto. Aliás, tecnicamente, situações como esta designam-se por malinforations, ou seja, trata-se de informação verdadeira, mas desprovida de informação complementar.

Assim, são muitos os casos em que uma mentira se disfarça de verdade, verificando-se que a linha que as separa é realmente muito fina. Infelizmente, claro está, há situações em que propagar o falso é o desejado e serve mesmo de estratégia para os regimes autoritários. A propaganda é um dos aliados mais fortes das ditaduras e consegue realmente alterar a nossa perceção da realidade. Por exemplo, podemos mencionar a Exposição do Mundo Português (Lisboa, 1940), realizada durante o Estado Novo de Salazar, cujo objetivo era passar a mensagem de que, num mundo em guerra, Portugal vivia um ambiente de paz e felicidade. Sabemos e sabiam-no os portugueses mais esclarecidos da época que isto estava longe de ser verdade, mas era a mentira que se desejava propagar. Aliás, alguns anos depois, o poeta Jorge de Sena revela-nos, ironicamente, que, graças à propaganda, Portugal (do período do Estado Novo) era uma espécie de paraíso artificial, onde tudo era aparentemente perfeito, mas onde a realidade não podia ser dita, mostrando-nos de que modo atuavam a censura e a propaganda: A minha terra não é inefável./A vida da minha terra é que é inefável./Inefável é o que não pode ser dito (in Paraísos Artificiais, 1950).

Ora, perante este cenário gravoso em que começa a ser difícil distinguir a verdade da mentira, é preciso encontrar soluções e, embora elas sejam claras, não são de fácil execução. Assim, os dois oradores da conferência supracitada apresentaram também aquelas que lhes parecem ser as chaves para mitigar o problema da desinformação. De forma breve, afirmaram que se deveria apostar muito mais no jornalismo de investigação, que tem cada vez menos tempo disponível, uma vez que este é capaz de ouvir os dois lados de cada história, algo fulcral no jornalismo de qualidade, e de se debruçar devidamente sobre todas as fontes que tem à disposição. Além disso, consideram que as figuras dos Public Editors,

que correspondem a profissionais que são especialistas nas áreas dos artigos publicados, têm uma importância extrema. O Der Spiegel, jornal alemão, bem como o New York Times, jornal americano, já têm estas figuras que verificam o trabalho dos jornalistas. O jornalista não tem a obrigação necessária de saber muito sobre as diversas áreas em que se debruça, mas tem de ser capaz de falar com especialistas, com alguém que sabe muito de apenas uma área, de modo a que a informação transmitida seja correta e imparcial, duas características essenciais que, por vezes, não são contempladas.

Perante este panorama, onde alguns jornais e televisão já divulgavam pontualmente informações pouco fidedignas, o surgimento das redes sociais veio piorar em larga escala este problema, dado que, por enquanto, estas não têm nenhum filtro eficiente capaz de detetar a veracidade das informações. Qualquer um pode escrever tudo sobre todos os temas, tenha ou não conhecimento sobre eles, o que é extremamente preocupante. De acordo com a Data Never Sleeps, uma página que dá conta do conteúdo gerado na Internet, são publicados, por minuto, 66000 posts no Instagram. Daqui se depreende que é muito difícil controlar o conteúdo destas publicações e que muitas delas podem conter informações falsas.

Contudo, Clara Almeida Santos sugeriu que devemos também educar o nosso algoritmo, já que, caso contrário, pode «levar-nos a não sermos expostos a nada que contrarie a nossa maneira de pensar, com todos os perigos que isso acarreta». Esta solução pode ser extremamente útil na mitigação da desinformação propagada pelas redes sociais, embora não seja suficiente.

Concluo que, séculos depois, continuamos, como os filósofos, a tentar encontrar a verdade, sem saber exatamente o que procuramos. Talvez o segredo esteja em fazermos esse exercício sistemático de busca, porque é ele que nos norteia e que nos impede (ou tenta impedir) de cair em falsidades.

Acima de tudo, diria para não nos cingirmos apenas à nossa verdade, que tem, claro, um papel importante, mas que não deve ser o único aspeto que orienta os algoritmos das nossas redes sociais. Vivemos numa época em que a verdade começa a ter perna curta, isto é, num período onde a mentira tem tendência para prevalecer, transformando a verdade em algo negativo. Deste modo, no futuro, como afirmou Joaquim Furtado, devemos preparar-nos «para o dia das verdades, enquanto exceção no calendário». No entanto, citando Manuel Alegre, «há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não» e talvez isso seja o mais importante, num mundo tão complexo como o de hoje, onde a verdade parece não querer vir ao de cima.

Mafalda Correia, 12.ºC, Ciência Política

## A Aprendizagem Cooperativa (AC) e a integração dos alunos migrantes

Assistimos, atualmente, ao aumento significativo do número de alunos migrantes, o que se traduz numa enorme diversidade linguística e cultural no contexto educativo. A crescente falta de recursos com que as escolas se têm debatido constitui, perante esta realidade, uma preocupação constante. Mas porque a escola é um retrato fiel do meio cultural e social em que se insere, revela-se fundamental a criação de oportunidades para que todos os alunos possam realizar experiências e aprendizagens significativas, diversificadas e socializadoras, garantindo a missão que lhe foi confiada. Neste sentido, e não obstante os poucos recursos existentes, a Aprendizagem Co-

operativa (AC) afigura-se como uma das “pedras de toque” no processo de integração dos alunos migrantes. Com efeito, a perceção da escola como comunidade de aprendizagem torna-se essencial, uma vez que a aprendizagem é um processo social que resulta da interação com o outro, sendo através desta que também ocorre a apropriação da língua enquanto elemento primordial de integração na comunidade e de criação do sentido de pertença.

Não há sucesso individual sem sucesso do grupo. A educação inclusiva, assente num paradigma humanista, constitui-se como um desafio constante, na medida em que é da interação entre o individual

e o coletivo que o contexto envolvente poderá definir contornos de mudança, mas é entendendo esta diversidade enquanto recurso que a aposta na AC abre caminho para a promoção do espírito de cooperação, de interajuda e de respeito pelo próximo, fulcrais para a integração dos alunos, para a mitigação de conflitos e para que a melhoria dos desempenhos não ocorra no âmbito de uma lógica competitiva. Será este o rumo para a construção de uma comunidade inclusiva e intercultural com sentido de pertença, onde cada um tem a oportunidade de crescer e evoluir.

Ana Catarina Marques  
(Prof. Educação Especial)

## A ascensão do populismo e da extrema-direita na União Europeia

Na obra *Eleições na União Europeia* (2019), Nuno Sampaio desvenda o “momento de encruzilhada” que a União Europeia enfrenta. Sampaio considera que, apesar da aspiração dos líderes europeus em estabelecer a UE como uma “protagonista global” capaz de contrapor as ameaças à ordem mundial, a referida instituição e os seus Estados-membros encontram-se imersos em desafios cíclicos relativos à representatividade e à governabilidade dentro dos seus próprios sistemas democráticos.

Um fator preponderante que incide sobre esta fragilidade da democracia europeia é o surgimento progressivo de movimentos políticos radicais. Estes, ao desafiarem os tratados, orientações e instituições europeias estão a amplificar a sua influência nociva e a infiltrar-se, de maneira insidiosa e persistente, no núcleo político da UE.

Por conseguinte, é inegável que a situação política da União Europeia está a sofrer uma metamorfose tangível. Movimentos de índole populista e de extrema-direita, antes relegados para a periferia do espectro político, estão a obter reconhecimento de muitos eleitores europeus e a enranhar-se na estrutura fundamental da democracia europeia.

O populismo, na sua essência, é uma doutrina que divide a sociedade em duas facções antagónicas: o “povo comum” e a “elite corrupta”. Em consonância com esta perspetiva, a política deve ser vista como um espelho fiel da vontade coletiva, um reflexo autêntico das aspirações e anseios do povo. Para além disso, é marcado por uma oratória simplista, estridente e carregada de emotividade, cujos preceitos ocos confrontam os alicerces da democracia liberal. Ainda assim, tal abordagem pode revelar-se cativante para muitos, sobretudo em períodos de crise económica ou social, quando as respostas prontas, rudimentares e inconsequentes seduzem a complexidade inerente à administração democrática da res pública.

A extrema-direita representa a facção mais à direita no espectro político. Frequentemente associada a ideologias ultraconservadoras, autoritárias, xenófobas, misóginas e de um nacionalismo exacerbado, a extrema-direita advoga uma agenda patriótica vigorosa e uma resistência inflexível à diluição da soberania nacional.

O populismo e a extrema-direita encontram-se frequentemente entrelaçados, gerando uma conjuntura desafiadora que ameaça a estabilidade e a integridade do mosaico social e político democrático. Se, por si só, estes comportamentos e ideologias já são problemáticos, estas forças unidas provocam cisões profundas e desafiam os princípios democráticos

que, ingenuamente, vemos como adquiridos.

Nos últimos anos, observou-se um crescimento significativo de partidos populistas, enquadrados por ideologias de extrema-direita, em vários Estados-membros da UE, o que tem levado a mudanças no espectro político e nas dinâmicas parlamentares. Estes partidos têm conseguido capitalizar o descontentamento de parte da população com as políticas tradicionais, oferecendo-lhes soluções simplistas para problemas complexos.

A ascensão destes movimentos, na Europa, pode ser atribuída a uma série de fatores interligados. Primeiramente, a crise financeira de 2008, uma catástrofe económica global, que deixou muitos cidadãos europeus descontentes com o status quo. O desemprego disparou, a austeridade foi implementada e muitos sentiram que a elite política e económica estava desconectada e pouco interessada com as suas lutas e dificuldades diárias.

Já a crise dos refugiados de 2015, um episódio sem precedentes na história contemporânea, acendeu o rastilho das tensões anti-imigração, alimentando medos associados à perda de identidade cultural. Em paralelo, a globalização e a integração europeia também foram vistas por alguns como uma ameaça à soberania nacional.

Os partidos populistas e de extrema-direita, astutos na sua perceção das marés políticas, têm, habilmente, explorado estes sentimentos de revolta, empunhado uma retórica polarizadora e apresentando-se como os verdadeiros defensores dos interesses nacionais. À medida que as eleições europeias se aproximam, sondagens e modelos estatísticos antecipam uma viragem acentuada à direita no Parlamento Europeu, com partidos populistas e eurocéticos a liderar as intenções de voto em um terço dos Estados-membros da UE. Espera-se que grupos parlamentares, como o Identidade e Democracia e os Conservadores e Reformistas Europeus (ambos classificados como sendo de direita a extrema-direita), registem ganhos significativos e que, consequentemente, tenham mais influência dentro do Parlamento Europeu.

Estes desenvolvimentos representam graves entraves para a agenda europeia, incluindo questões como o Pacto Ecológico Europeu e o apoio contínuo à Ucrânia no contexto da guerra com a Rússia. Assim, augura-se que o eventual fortalecimento de uma coligação de extrema-direita populista no Parlamento Europeu irá alterar o equilíbrio de poder e moldar o rumo das políticas europeias, nos próximos anos.

A ascensão do populismo e da extrema-direita re-

presenta um claro perigo para a UE. Esta instituição transnacional apresentou-se, desde a sua fundação, como um bastião da democracia escorada na cooperação e no respeito mútuo entre nações soberanas. O populismo e a extrema-direita, com as suas tendências para o nacionalismo e a xenofobia, ameaçam este equilíbrio delicado.

No lugar de uma Europa unida, coesa e harmónica, estamos a permitir o ressurgimento de uma Europa desconexa, fragmentada e discordante. Tal terá de ser evitado a todo o custo. Que a memória não nos seja fraca para lembrar os horrores das duas Grandes Guerras ocorridas na Europa da primeira metade do século XX, pois é para lá que parecemos caminhar.

A democracia, com todas as suas falhas e imperfeições, continua a ser o melhor sistema de governação que temos. Esta permite a participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões, protege os direitos e as liberdades individuais e promove a igualdade e a justiça social. É essencial que valorizemos e defendamos estes princípios contra as sibilantes e nocivas vozes da demagogia e dos extremismos.

É importante lembrar que nem o populismo, nem a direita radicalizada oferecem soluções reais para os problemas desafiadores que enfrentamos no mundo atual. Em vez disso, alimentam-se do medo e da incerteza, oferecendo bodes expiatórios convenientes em lugar de soluções concretas.

O populismo e a extrema-direita encontram exultação no ódio e na desarmonia, pelo que não deve ser uma surpresa que todos os seus discursos, políticas e ideais se afastem tão claramente da esfera democrática. Devemos repudiar os extremismos e defender os valores da democracia, da cooperação e do respeito mútuo. Só assim construiremos uma Europa que seja verdadeiramente inclusiva e justa para todos.

No dia 9 de junho de 2024, seremos chamados a exercer o nosso direito ao voto. Com consciência e discernimento, depositaremos a nossa confiança naqueles que acreditamos terem a autêntica intenção de nos representar enquanto cidadãos da União Europeia.

Votemos, não apenas como um dever, mas como um ato de fé naqueles que se propõem manter viva a chama tremulante da democracia europeia. Que cada voto sirva como o combustível que alimenta essa chama, iluminando a senda para um futuro de unidade, prosperidade e paz.

Beatriz Vicente, Ciência Política, 12.º ano

## Nelson Mandela: um retrato inspirador da luta pela igualdade

O filme “Mandela: O Caminho Para a Liberdade” (2013) transporta-nos para o século XX, num período em que a África do Sul enfrentava conflitos ideológicos e étnicos.

Numa época marcada pela segregação racial e pela injustiça, este filme surge como uma obra que celebra a resiliência humana, bem como a luta pela justiça e igualdade. Retrata a vida de Nelson Mandela e os seus feitos, desde a sua juventude, passando pela luta incansável pelo fim do regime do Apartheid, até à eleição para presidente da República da África do Sul, em 1994.

Devido aos diferentes povos colonizadores (franceses, britânicos e holandeses), mas também às diversas etnias negras autóctones, a África do sul possui, ainda hoje, uma grande

variedade étnica. Durante grande parte do século XX (de 1948 a 1994), apesar de a maioria da sua população ser negra, os sul africanos brancos dominaram todas as áreas da sociedade através da política oficial de segregação racial designada Apartheid.

O termo apartheid deriva do africânder, uma das línguas oficiais da África do Sul de origem holandesa, e significa “separação”. Esta política de cariz extremamente racista foi implementada pelo Partido Nacional, que assumiu o poder em 1948. A ideologia por trás do Apartheid defendia a supremacia branca e a separação total e completa entre diferentes grupos étnicos. Assim, o governo branco ordenou a seguinte legislação: leis de classificação racial/étnica, ou seja, todos os sul africanos foram

classificados em “raças” - brancos, negros, asiáticos e mestiços; leis de segregação residencial, com áreas residenciais designadas para cada grupo e as “áreas brancas”/townships, que tinham sempre melhores condições do que as restantes; leis de segregação educacional, ou seja, escolas, universidades e outras instituições educacionais eram segregadas, mais uma vez, com base na etnia, e a “educação para negros” recebia menos recursos e tinha uma qualidade inferior; leis de deslocação que obrigavam os negros a portar “passes” (bilhetes de identidade) para circular em áreas designadas para brancos; entre outras leis que, aliás, estão bastante bem tratadas nesta longa-metragem. Estas leis fazem-nos recordar as Leis de Nuremberga, de teor antisemita, decreta-

das na Alemanha nazi, em 1935.

Na década de 1980, esta política autoritária e racista começou a ganhar menos força e a ruir, devido à crescente pressão internacional, às sanções económicas e à resistência interna que incluía protestos, boicotes e greves mobilizados por organizações clandestinas.

Um exemplo da repressão exercida pelo Estado foi o Massacre de Sharpeville, que está muito bem representado na primeira metade do filme. Este massacre ocorreu a 21 de março de 1960, na cidade de Sharpeville, na África do sul, ou seja, durante o regime do Apartheid. Neste dia, milhares de sul-africanos protestavam pacificamente contra as leis de deslocação que citámos anteriormente, quando a polícia sul-africana abriu fogo contra os manifestantes desarmados, resultando na morte de pelo menos 69 pessoas e em centenas de feridos, entre as quais, muitas crianças. A maior parte destas pessoas foram alvejadas pelas costas enquanto fugiam. Este evento chocou o mundo e aumentou a pressão internacional bem como o movimento anti-Apartheid e é visto como o ponto de viragem para o aumento das forças de resistência interna.

Um dos ícones desta resistência interna é uma das personalidades mais importantes para a história da África do Sul e do mundo, na luta contra a desigualdade e injustiça. Falamos de Nelson Mandela, representado (no filme) pelo ator Idris Elba. Mas, afinal, quem foi Nelson Mandela e de que modo contribuiu para a so-

cidade de hoje?

Mandela nasceu a 18 de julho de 1918, numa pequena aldeia na região do Cabo Oriental, em África do Sul. Ao longo da sua vida, recebeu uma educação tradicional e frequentou a Universidade de Fort Hare, a única universidade no país que, então, aceitava estudantes negros. Mas acabou por ser expulso desta universidade, por participar em protestos contra a política educacional. Nos anos 40, envolveu-se na política, juntando-se ao Congresso Nacional Africano, e tornou-se advogado, abrindo, em 1952, um escritório de advocacia em Joanesburgo, em conjunto com o seu colega ativista, Oliver Tambo (também representado no filme). Os dois começaram a envolver-se em manifestações e reuniões contra o regime segregacionista, o que levou a que, em 1962, Mandela e Tambo fossem presos e condenados a penas perpétuas, por, alegadamente, conspirarem contra o governo.

Mandela passou 27 anos preso, a maior parte dos quais na Prisão de Robben Island. Durante o tempo em que esteve encarcerado, tornou-se um símbolo internacional da resistência à opressão racial, o que levou a que fossem realizadas, por todo o mundo, várias manifestações e protestos contra a sua condenação e a favor da sua libertação. Libertação essa que foi conseguida através de negociações e que ocorreu em 1990, marcando o início de uma transição da África do Sul para a democracia. Em 1993, recebeu o Prémio Nobel da Paz, juntamente

com o então presidente da África do Sul, Frederik De Klerk, devido às negociações de ambos para acabar com o Apartheid e estabelecer eleições democráticas multirraciais no país. Em 1994, Nelson Mandela tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul, cumprindo um mandato de cinco anos, durante o qual trabalhou para promover a reconciliação nacional e a igualdade racial. Após deixar a presidência, em 1999, permaneceu ativo na política e na diplomacia internacional, defendendo causas humanitárias e os direitos humanos. Criou, ainda nesse ano, a Fundação Nelson Mandela, que se concentra em questões como o HIV/SIDA, a educação e a paz. Faleceu a 5 de dezembro de 2013, em Joanesburgo, com 95 anos, e é visto, até hoje, como um líder carismático defensor dos direitos humanos e um ícone da luta contra a injustiça e a discriminação racial e étnica, bem como uma das figuras mais importantes na luta contra o Apartheid.

O que distingue o filme "Mandela: O Caminho para a Liberdade" de um simples relato histórico é a sua capacidade de capturar a essência humana por trás das personagens. Apresenta-nos uma visão envolvente e esclarecedora dos factos e desafios enfrentados por Mandela e muitos dos que, com ele, lutaram a favor da justiça e igualdade na África do Sul. É um filme que inspira, educa e, acima de tudo, nos lembra o poder transformador da compaixão e da resiliência.

Camila Gouveia e Salomé Dinis, 12.º D, História

## A realidade da "geração inquieta" em Portugal

Como é ser jovem em Portugal, hoje? Sem dúvida que é uma das questões mais recorrentes com que os jovens se deparam. A minha geração, a Geração Z, como frequentemente é chamada, engloba os jovens nascidos entre a segunda metade da década de 1990 e 2010. Somos a "geração mais bem preparada de sempre", tanto a nível profissional, como na vida (pelo menos é o que dizem). Embora seja a geração com mais jovens qualificados, é também a geração mais desvalorizada de sempre, acabando, muitos desses jovens por se "escapulirem" para outros países ou para profissões diferentes dos cursos que concluíram.

Há 50 anos, os jovens portugueses enfrentavam dificuldades muito diferentes das atuais. Viviam numa época em que não tinham liberdade. Viviam num país bastante pobre, governado por um regime ditatorial, repressivo e censório, que enfrentava uma guerra colonial que durou de 1961 a 1974 – refiro-me ao Estado Novo. Os jovens antes do 25 de Abril de 1974 não tinham a mentalidade dos jovens de hoje e, evidentemente, os jovens de hoje serão diferentes dos jovens do futuro. O tempo passa, emergem novas gerações, o mundo evolui e os desafios tornam-se diferentes.

No entanto, atualmente, os "muros da geração de hoje" (como mencionou a arquiteta e política Helena Roseta, numa comunicação editada, este ano, no livro Portugal 50 anos depois do 25 de Abril, que teve a direção científica de João Gouveia Monteiro) são tão importantes ou mais do que os de antigamente, pois temos liberdade para tudo mas a verdade é que não podemos voar muito alto, o nosso próprio país está constantemente a "cortar-nos as asas". Nesse sentido, deveríamos perguntar porque é que a geração "mais bem preparada de sempre" se vê obrigada a sair do seu país à procura de um

futuro?

A realidade que nós enfrentamos é a seguinte: precariedade no emprego, baixos salários, dificuldade no acesso à habitação, grandes adversidades para constituir família, grave problemas ambientais que terão consequências dramáticas na nossa vida adulta ou na nossa velhice.

Antigamente, havia poucas habitações, o que originou a existência de imensos "bairros de lata". Em contrapartida, hoje, existem bastantes casas, no entanto, os jovens não têm capacidade monetária para as comprar ou mesmo arrendar. 72% dos jovens licenciados recebem menos de 950 euros. Supondo que cerca de 600 euros é para pagar o arrendamento de um apartamento ou quarto, o que sobra tem de ser muito bem gerido para pagar o resto das despesas. Como é que um jovem consegue juntar dinheiro para ter uma casa própria e começar a constituir família? É impossível. E é nesta situação que a maior parte dos jovens vive. Qual é a solução? Emigrar para outros países em que sejam mais bem remunerados e valorizados. O que vai provocar, em Portugal, a diminuição da taxa de natalidade, o que já é uma realidade, e, conseqüentemente, o envelhecimento da população.

Claro que já existem diversos programas para ajudar os jovens com subsídios, nomeadamente na questão da habitação, como é o caso do Programa Nacional de Alojamento para o Ensino Superior, mas não é o suficiente. Nós não somos ouvidos. E não sentimos que seja possível evoluir aqui, principalmente porque a maior parte dos nossos avós e pais, as gerações mais velhas, também não querem evoluir e ouvir o que os jovens têm a dizer. Querem continuar com o pensamento retrógrado de há 50 anos. Quantos de nós já tivemos aquelas típicas discussões com os nossos avós e pais sobre os

nossos sonhos, a nível profissional e pessoal, e eles simplesmente respondem com aquela típica frase: "Com a idade vais ver que a vida não é um sonho". E quando dizemos que queremos um trabalho que nos faça feliz para o resto da vida, a resposta é: "isso é uma ilusão".

Não somos a geração que quer ficar estagnada na terra onde nasceu. Nós queremos ser felizes no que fazemos, queremos mobilidade, queremos ver caras e mundos novos. Como disse Helena Roseta, na comunicação atrás citada: "[os jovens de hoje] não se veem presos a um sítio, veem-se, sim, em mobilidade e, portanto, com mais capacidade de circular pelo mundo". E pode custar, mas nós vamos lá chegar, independentemente de quem acredite ou não. Sempre ouvi dizer "quem corre por gosto não cansa", e isso é a mais pura das verdades. Olhem para a quantidade de jovens que emigram para um país que não conhecem e conseguem tornar os seus sonhos realidade. Essa é a maior prova. O nosso governo, os nossos avós e pais deviam começar a mudar o modo como veem as coisas e a valorizarem mais os jovens lutadores que somos, e talvez, só talvez, aproveitar isso para tornar o nosso país melhor. O importante aqui não é só o dinheiro, tudo começa na necessidade de valorizar os jovens, de aceitar as nossas ideias, de compreender os nossos problemas e sonhos. Muitos jovens, antes de terminarem o ensino secundário e entrarem no ensino superior, começam logo a pensar em emigrar. O que é que isso diz do nosso país? A resposta é simples: que o país está a abandonar uma geração inteira. Já para não falar dos problemas psicológicos que tudo isto acarreta, sendo que há cada vez mais jovens a enfrentarem depressão e ansiedade, devido às condições políticas, ambientais, económicas e sociais do país e do mundo.

Para finalizar, eu não considero que somos a ge-



ração mais bem preparada de sempre. Porém, considero que somos a geração mais forte e corajosa, apesar destas adversidades todas. Conseguimos erguer a cabeça e lutar por aquilo que queremos fazer, mesmo que isso implique sair do nosso país, afastarmo-nos dos amigos e até mesmo da família. Do meu ponto de vista, sem sombra de dúvidas, esta é a maior virtude

da minha geração. Tenho orgulho em dizer que pertenço à Geração Z, a geração que enfrenta as adversidades (as montanhas e os “muros”) que forem necessários para alcançar os seus sonhos e objetivos. A criatividade e a resiliência dos jovens do presente, que já passou por muito, apesar dos poucos anos de vida (grande crise financeira, pandemia da Covid 19, catástro-

fes ambientais, guerra da Ucrânia...) deveria ser motivo de inspiração para encontrar soluções para construir um futuro melhor no nosso país, não só para a Geração Z, mas para todas as outras que virão, porque o importante é o futuro. E o futuro somos nós!

Clara Santos, 12.º B, Ciência Política

## Entretenimento e propaganda

Nos dias de hoje, quando pensamos em censura e em propaganda, os primeiros países que nos vêm à cabeça são a China, a Rússia ou a Coreia do Norte. Porém, a censura e, sobretudo, a propaganda também existem nos países supostamente mais liberais e progressistas. Dito isto, vou falar de um dos muitos exemplos que mostram como a maior potência mundial – os Estados Unidos da América (EUA) – recorre ao entretenimento audiovisual para fazer propaganda com fins belicistas. Na interseção entre entretenimento e poder reside uma história pouco conhecida, porém intrigante: a relação entre o Departamento de Defesa dos EUA (DOD) e as indústrias de Hollywood e de videogames. Através de um esquema elaborado de colaboração, o DOD exerce uma influência significativa na produção de filmes e jogos, moldando, assim, narrativas e perspetivas para se adequarem à sua agenda e condicionarem os consumidores.

A leitura de um excerto do livro *21 Lições para o Século XXI*, de Yuval Noah Harari, fez-me refletir profundamente sobre a manipulação dissimulada de que todos nós podemos ser vítimas, nomeadamente as crianças e os jovens americanos. Lembrei-me de filmes que vi recentemente, grandes produções de Hollywood como *Jurassic Park 3*, *Top Gun: Maverick* e vários filmes da Marvel. A maior parte destes filmes foram, para mim, interessantes de ver. Porém, não deixei de me sentir desconfortável com a propaganda e a mensagem críptica que eles encerram, a qual muitas vezes acaba por perverter o filme. Cheguei à conclusão que grande parte dos filmes e séries produzidos em Hollywood difundem uma enorme propaganda de glorificação do chamado «Mundo Ocidental» e, particularmente, dos EUA. Não só na forma atualizada vertida no cartaz clássico de propaganda editado durante a I Guerra Mundial, em que o Tio Sam exclama “I want you for U.S. Army”; mas na forma de nós [DOD] vamos reescrever todo o guião e somos nós que decidimos se o filme poderá chegar ao público. Todavia, surpreendentemente, nada disto é de todo um segredo, pois muitos filmes são puramente propaganda americana e parece que ninguém dá conta nem se importa com esta situação. Decidi, então, pesquisar mais acerca deste assunto e apresentar, com mais detalhe, o que está a acontecer na indústria americana do cinema, da televisão e dos videogames.

Atualmente, o DOD tem uma página no seu site que explica o como e o porquê deste departamento da defesa nacional dos EUA traba-

lhar com as indústrias de entretenimento através citadas. Isto, desde já, comprova o que foi dito no parágrafo antecedente e, para além disso, explica como é que o Departamento de Defesa faz propaganda. Se nosarmos bem, os estudos de produção de cinema não têm armazéns cheios de armas, tanques, mísseis e morteiros para utilizar nos típicos filmes americanos de ação (os chamados blockbusters), então pedem emprestado ao DOD para os usarem. O departamento empresta/dá estes e outros materiais bélicos aos estúdios e/ou muitas vezes, simplesmente, patrocina, com quantias muito significativas de dinheiro, a produção de filmes. Por conseguinte, “o Departamento de Defesa possui uma longa relação de coparticipação com Hollywood. Os acordos de produção requerem a aprovação do DOD na forma de uma análise do filme para os oficiais detetarem se há áreas que precisam de ser trabalhadas antes do lançamento do dito filme” [DOD.] Assim, o DOD oferece o dinheiro para os produtores fazerem o filme, dá tanques e armas. Em contrapartida, exige analisar o filme e condicionar o argumento e a criação artística dos argumentistas, realizadores e produtores de acordo com os seus interesses e propósito. Isto não é uma teoria da conspiração, isto é um caso bem documentado e com acesso público como, por exemplo, os documentos que o DOD pública no seu site que explicitam todas as alterações introduzidas nos filmes que contribuem para exponenciar espectadores, mas também para os condicionar.

Quais são, então, as alterações geralmente feitas nestes filmes? Por exemplo, no final do filme *Parque Jurássico 3*, o exército dos EUA aparece do nada, na praia, e salva, gloriosamente, o dia. Contudo, quem vê o filme e tem um pouco de espírito crítico nota que esta parte é perfeitamente dispensável, perverte o argumento e minoriza esta obra cinematográfica. Mas, isto tinha de acontecer. Durante a produção, um consultor do exército, que estava a trabalhar no filme, “sugeriu” que este deveria acabar desta forma, e assim foi. Poderia dar mais exemplos. E é exatamente o que irei fazer! O exército americano trabalhou, em conjunto com a Marvel Studios, para fazer o design do famoso Capitão América. Por causa disso, o exército permitiu a produção deste filme na base militar de “Camp Edward”, pois considerou que este super-herói americano “possui os valores dos atuais soldados americanos” e, assim, apoiou o filme com milhões e milhões de dólares. O filme também inclui retratos históricos completamen-

te errados de forma a glorificar os EUA e o seu exército, incluindo batalhões com diversidade racial, que estão longe da verdade. No guião inicial do filme *O Incrível Hulk*, havia cenas que consistiam em mostrar parte das estratégias dos EUA na guerra do Vietname, que incluíam o lançamento de químicos nos alimentos dos inimigos, para que estes morressem à fome. Porém, quando o filme recebeu “apoio público”, isto é, materiais bélicos e o dinheiro do DOD, estas partes do filme foram excluídas por completo. Regra geral, se o filme tiver algum tipo de equipamentos militares ou a sua ação ocorrer em bases militares, saiba-se que esse filme teve o DOD envolvido com a sua propaganda. Num relatório de 2015, editado pela Entertainment Software Association (ESA) e emitido pelo Pentágono, identificou os videogames como um meio que pode ser usado para “beneficiar os programas de serviço militar, de recrutamento e da retenção de soldados”. Nos anos posteriores, todos os diferentes ramos do exército americano começaram a ter as suas equipas de E-Sports (desportos virtuais), que fazem transmissões ao vivo onde organizam concursos transmitidos em direto que envolvem prémios atribuídos aos vencedores, que podem ser jovens e adolescentes desde os 12 anos. Não há provas que videogames, em que o assunto principal é o exército americano, tenham tido apoio do DOD, mas não há dúvida que esses jogos são especialmente militaristas, simpatizam imenso com o exército e estimulam crianças, adolescentes e jovens para se juntarem ao exército, tendo um impacto massivo no recrutamento de militares para o exército dos EUA.

Se refletirmos bem, estes filmes, séries de televisão e videogames são uma forma camuflada do famoso cartaz do Tio Sam, de cabelos e barbas brancas, com cartola, a apontar na nossa direção, exclamando «I want you for U.S. Army!». Argumentaria que é bem pior do que isso. Enquanto, no cartaz, as intenções são mostradas imediatamente, estas mensagens são entranhadas lenta e eficazmente no espírito dos jovens menos atentos que consomem estes entretenimentos – jovens que acabam por ingressar no exército, combater, sofrer e até morrer em guerras fúteis, motivadas por interesses arrogantes. Advogo que usar o entretenimento para recrutar jovens para a guerra é uma forma imoral de propaganda moderna.

Duarte Vieira, 12.º ano, Ciência Política

## Ética no desporto, ética na vida

Atualmente, muito se fala sobre ética nas mais diferentes vertentes do nosso quotidiano e é algo a que, alegadamente, damos cada vez mais importância, o que me parece não só relevante como necessário.

Contudo, no que toca ao desporto, a ética tem

encontrado diversos entraves e há cada vez mais ataques à moral, nas diferentes modalidades, o que constitui um problema sobre o qual também temos a obrigação de nos debruçar, a fim de o tentar resolver.

Repare-se que o desporto tem por bases prin-

cípios muito nobres, como a tolerância, o trabalho em equipa e o respeito pelo próximo. Portanto, será de estranhar que algo com princípios tão notáveis, assista, «impávido e sereno» à sua degradação.

No entanto, convém também salientar que as

violações a estes princípios não são um problema exclusivamente da atualidade: já perduram há vários anos. Ainda assim, nunca é suficientemente cedo para o tentarmos resolver, embora também nunca seja necessariamente tarde. Portanto, primeiramente, é necessário perceber o que é que se passa, afinal, entre a ética e o desporto e porque é que estes dois termos parecem ser, à luz dos nossos dias, incompatíveis. Podia começar por enumerar os problemas, podia enumerar situações, mas vou começar por um momento que é comum a todos nós: a nossa infância.

Certamente que já todos, quando éramos crianças, jogámos às cartas, ao Monopólio ou a outro qualquer jogo que sirva para ilustrar este exemplo e quisemos mesmo muito ganhar- característica comum a todos os pequenos homens e a todas as pequenas mulheres. A ambição é algo que nos acompanha desde muito cedo e saber perder é das primeiras lições que aprendemos, embora nos custe muito.

Bom, mas dizia que já todos tivemos essa vontade desesperada de ganhar um jogo contra um irmão ou progenitor. Nesse momento, começámos a nossa carreira de corruptos e fizemos batota: escondemos as cartas, perdemos as peças ou dissemos que não era a nossa vez de jogar. Vencemos e foi bom, mas talvez essa vitória não tenha tido o sabor de que estávamos à espera, precisamente por não ter sido justa. Na vida adulta, no desporto ou em outra área, passa-se o mesmo, só que o sabor agridoce da vitória injusta vai-se desvanecendo e a vontade de vencer aumentando.

Claro está que a batota que todos nós fizemos em crianças e que nos valeu a alcunha de batoteiros por parte dos nossos avós não pode ser comparada aos altos casos de corrupção que vão sendo denunciados, graças, sobretudo, ao jornalismo de investigação, o 4.º poder. Mas, o que pretendo exemplificar é que a vontade de ganhar sem olhar a meios é algo inerente à natureza humana e que em alguns de nós não passa, felizmente, de um capricho de criança, ao passo que, para outros, é algo que se torna necessário para viver.

No desporto é comum assistirmos à prevalência deste capricho infantil e verificamos que os casos de corrupção se vão reproduzindo um pouco por todo o mundo, sobretudo nas modalidades e equipas mais competitivas. Não seria já uma surpresa lermos uma notícia sobre alguém que subornou os árbitros, ou que pagou a um outro alguém para perder propositadamente uma partida. A corrupção é um dos maiores vírus que enfrentamos na sociedade e, infelizmente, o desporto não lhe é imune.

Além disso, e para nossa pouca felicidade, não é o único problema que interfere na ética no

desporto, já que podemos referir, também, a violência que parece predominar cada vez mais no meio atlético. Em Portugal, por exemplo, os ataques e confrontos em jogos de futebol são cada vez mais frequentes e há já quem desista de ir ver os jogos aos estádios, precisamente para tentar evitar problemas e, quando alguém deixa de fazer algo de que até gosta apenas porque o ambiente se tornou demasiado pesado e inseguro, a situação é, no mínimo, lamentável.

Dizia acima que, se a batota nos acompanha desde cedo, aprender a perder é das primeiras lições que aprendemos e que os nossos pais se esforçam por nos ensinar, dizendo que «nem sempre podemos ganhar e temos de saber perder». Pois bem, ao passo que, muitas vezes, o espírito de batotice vai ficando entranhado na nossa personalidade, o mesmo não se pode dizer em relação a este grande lição, já que o nosso espírito desportivo se vai dissipando e essa é uma das grandes causas para o aumento da violência nos desportos. «Saber perder é tão importante quanto saber ganhar», diziam também os nossos pais, mas parece que nos esquecemos cada vez mais disso. Até os próprios atletas, para quem esta moral devia estar ainda mais acentuada, se parecem esquecer dela e recorrem também eles à violência em campo. Regra geral, a violência tem, a pouco e pouco, proliferado na sociedade, mas é lamentável que tenha atingido proporções tão elevadas a ponto de se ter medo de ir a, por exemplo, um jogo de futebol, onde, em Portugal, se manifestam mais casos de violência e, na sua maioria, bastante perigosos.

Por outro lado, que o mundo entre homens e mulheres não é justo, já é quase um princípio que tomamos como certo na nossa sociedade, infelizmente. Eventualmente poderíamos pensar que esta desigualdade não afetava o desporto, mas a verdade é que afeta e em larga escala.

Primeiro, basta ver a importância e atenção que é dada às equipas masculinas, seja de que modalidade for. São os jogos mais assistidos, mais transmitidos e mais bem pagos (quer para as equipas de comunicação, quer para toda a logística que os envolve). Basta, para isso, comparar o número de notícias que saem diariamente sobre equipas masculinas e femininas. Aliás, podemos, até, utilizar o Mundial de Futebol Feminino de 2023 como exemplo. Repare-se que o número de campanhas de apoio à equipa portuguesa foi muito superior ao das equipas masculinas, porque estas últimas já não necessitam obrigatoriamente desses apoios: por um lado, porque já o têm assegurado e, por outro, porque não é preciso informar a população dos jogos das equipas masculinas,

uma vez que os mesmos fazem já parte da cultura geral do cidadão português. Ademais, também as modalidades são desiguais, dado que atenção e tempo de audiência dado ao futebol não é sequer passível de ser comparado com as outras modalidades, o que é uma profunda injustiça. Tomemos o nosso país como exemplo, onde é que na televisão nacional encontramos comentadores, canais e programas televisivos específicos para comentar basquetebol, andebol, voleibol ou badminton? Exatamente, não encontramos. E aqui conhecemos a perversidade da imoralidade no desporto: se formos homens a taxa de sucesso aparenta ser mais elevada e, além disso, ainda temos de ter a sorte de escolher uma modalidade adequada (leia-se, no caso lusitano, futebol).

Não nego que poderei estar a fazer uma leitura um pouco reta do panorama desportivo, sobretudo, português- temos o exemplo dos EUA que, felizmente, valorizam muito mais outras modalidades e, na verdade, não dão assim tanta importância ao futebol-, mas é preciso ter uma clara consciência dos problemas para podermos passar à sua resolução.

Claro está que resolver todos estes problemas não é uma tarefa fácil e muito menos rápida. Contudo, diria que se apostarmos em campanhas de sensibilização, numa maior educação das crianças para estas questões (através de pequenas histórias ou peças de teatro, por exemplo) ou se aumentarmos a segurança em estádios podemos fazer a diferença. Além disso, seria importante ter um canal televisivo aberto que se dedicasse exclusivamente à divulgação do desporto, isto é, de todas as modalidades e dos diferentes escalões para, assim, reduzir as desigualdades entre as várias práticas desportivas.

Para muitos, o desporto é um escape, uma forma de esquecer os problemas mundanos e estes problemas fazem crer que já nem neste campo é possível ignorar os malefícios do mundo contemporâneo; faz-nos perder a esperança, quando tudo o que precisamos é de renovar e não desistir de lutar por um mundo melhor. Enquanto lutamos, façamos desporto correto, justo, sejamos fiéis aos nossos valores e escolhamos sempre fazer e dar o melhor de nós. Repare-se que a corrupção, por exemplo, já proliferou em algumas áreas da nossa sociedade e, se não começarmos a reverter esta tendência, o quantificador particular transformar-se-á num quantificador universal. Para que tal não se verifique, comecemos por áreas basilares da vida em comunidade, comecemos pelo desporto. Ainda estamos a tempo e, como diria o nosso estimado Fernando Pessoa «é a Hora!».

Mafalda Correia, 12.ºC

## A Magia de Ser Professor

Ser Professor, hoje, é ser o 'mágico' de mentes irrequietas, numa busca incessante pela diferença, procurando surpreender para não ser surpreendido...

Ser Professor é uma verdadeira arte que se amplia para além da transmissão de conhecimento, tornando-se inspirador, motivador, um guia, um mentor, um amigo e um exemplo a ser seguido. É um agente de transformação, um aliado na procura da educação e do desenvolvimento pessoal e intelectual de cada Aluno. A magia de Ser Professor está no brilho dos

olhos dos alunos, quando, finalmente, entendem um conceito difícil, em presenciar o crescimento e desenvolvimento de cada um ao longo do tempo, em receber o reconhecimento e o carinho daqueles que um dia foram seus alunos. É saber que, mesmo nos momentos mais difíceis, se deixou uma marca positiva na vida de tantas pessoas e ajudou a moldar o futuro de uma geração. É o orgulho de cada conquista, por menor que seja, e saber que o seu trabalho não é em vão. Por isso, a magia de Ser Professor está em saber que, mesmo diante de

todas as dificuldades e desafios, está a contribuir para um mundo melhor, mais justo e mais educado. E é essa magia que torna a profissão de professor tão única e especial!

Somos fruto de um mundo global, multicultural, onde as mudanças ocorrem a uma velocidade vertiginosa e nos são exigidos novos papéis, vivenciando constantes desafios. Desde o ensino a distância à motivação dos alunos, apesar de tantas distrações e estímulos externos; a diversidade cultural e social em sala de aula levando o professor a adaptar metodologias de ensino

para atender a todas as necessidades e garantir a inclusão de todos os alunos. Também a tecnologia em sala de aula é uma realidade, levando os professores a uma constante atualização para fazerem uso de novas ferramentas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, pelo que a formação contínua/atualização tem de ser constante. No entanto, mais do que isso, tem de ser relevante, para melhorar a sua prática pedagógica. Também a necessidade de desenvolver métodos de avaliação que sejam justos e eficazes para medir a aprendizagem dos alunos é um desafio constante para os professores. Com tudo isto, existe uma sobrecarga de trabalho para o professor, implicando isso muitas horas extra dedicadas ao planeamento de aulas, correção de trabalhos e participação em atividades extracurriculares. Outro aspeto importante prende-se com a promoção de uma boa relação com os pais dos alunos e envolvê-los no processo educativo, pois nem sempre há uma comunicação eficaz entre as partes.

## INTERLIGAÇÃO ESCOLA / FAMÍLIA

A relação escola/família é complexa. No entanto, a interação entre pais e professores, como agentes centrais desta relação, evidencia a sua importância para as aprendizagens dos alunos. As vivências e expectativas dos pais em relação à escola influenciam o modo como estes veem a educação dos filhos, estando atualmente mais atentos e participativos na vida dos mesmos.

Entre a família e a escola deve-se manter sempre um bom diálogo, demonstrar companheirismo e interesse pelos mesmos objetivos, que visam garantir uma melhor aprendizagem ao aluno, seja ela na sua formação pessoal e/ou

Também a colaboração dos encarregados de educação é de extrema importância para o sucesso das aprendizagens dos seus filhos. Os pais desempenham um papel fundamental no apoio e estímulo ao desenvolvimento escolar e pessoal. Quando os encarregados de educação se envolvem ativamente na educação dos seus filhos, estão a transmitir a mensagem de que a escola e o processo de aprendizagem são valores importantes e que devem ser levados a sério. Além disso, estão a criar um ambiente favorável ao sucesso escolar, pois a colaboração entre pais e escola promove um acompanhamento mais eficaz e personalizado do aluno.

Os encarregados de educação podem contribuir para o sucesso escolar dos seus filhos de várias formas, nomeadamente: estabelecendo uma rotina de estudo e incentivando a organização e disciplina; acompanhando e monitorizando o progresso escolar, identificando eventuais dificuldades; estimulando a curiosidade e o gosto pelo conhecimento, promovendo a lei-

tura e a investigação; participando ativamente na vida escolar, estando atentos às atividades e projetos desenvolvidos na escola; manter uma comunicação profícua e regular com os professores, estabelecendo um diálogo aberto e construtivo.

Em suma, a colaboração dos encarregados de educação é essencial para o sucesso escolar e pessoal dos estudantes. Quando pais, responsáveis e escola trabalham em conjunto, criam-se as condições e as sinergias ideais para o desenvolvimento integral dos alunos.

É urgente o respeito e reconhecimento da profissão, que, ao longo dos tempos tem sido, infelizmente, desvalorizada. É importante que a sociedade reconheça a importância do trabalho dos professores e os valorize devidamente, pois deles depende uma sociedade intelectualmente livre e com princípios e valores!

Fátima Marques - Educação Especial - EB da Ponte das Três Entradas

social. Por outro lado, compreende-se que a família precisa ser conhecida e valorizada no contexto escolar. A sua integração e envolvimento na formação e vida do aluno é essencial. É primordial que a escola elabore projetos e crie mecanismos para que a família participe ativamente no quotidiano escolar.

Um grupo de pais, pertencentes à turma do terceiro ano do Centro Escolar de Nogueira, não necessita que seja a escola a propor esse envolvimento/ participação que tanto hoje se reclama. São eles que, de uma forma ativa e dinâmica, organizam e dinamizam atividades lúdicas, baseadas em temáticas relacionadas

com épocas festivas, proporcionando momentos hilariantes aos seus educandos.

Na altura da Páscoa, organizaram uma “Caça aos Ovos”, no Natal uma peça de teatro, no Halloween jogos tradicionais relacionados com o “Dia das Bruxas”, sempre acompanhados de um pequeno lanche partilhado.

É reconhecível a ação destes educadores que são um exemplo do que se espera que seja a participação da família na escola, em pleno século XXI.

NC-C Isabel Fonseca

## Voto obrigatório, um caminho para a redução da abstenção?

Os níveis elevados de abstenção nas eleições europeias e nas eleições nacionais fazem suscitar debates intensos e divergentes sobre a obrigatoriedade do voto. Será o voto obrigatório o caminho certo para uma democracia mais participativa e representativa? Ou será uma coação que desvirtua o verdadeiro significado de liberdade de escolha (conceito fundamental que se refere à capacidade do Homem tomar decisões e agir de acordo com a vontade própria, sem qualquer interferência/coação externa)? Este será o tema central do texto aqui apresentado.

Segundo estatísticas disponibilizadas pelo Pordata, a taxa de abstenção nas eleições nacionais para a Assembleia da República do ano corrente rondou os 40,2%, o que demonstra uma descida de 8,4 pontos percentuais (pp) relativamente às precedentes, realizadas em 2022. Apesar de uma descida significativa, a taxa de abstenção em nada se assemelha aos valores positivos das primeiras eleições livres (1975), para a Assembleia Constituinte, onde a taxa de abstenção não ultrapassou os 10 pp (eleições legislativas de 1976: 16,5 % de abstenção). Ainda assim, estas últimas eleições representaram um avanço face aos dados dos últimos 15 anos.

No que diz respeito aos valores das taxas de abstenção, o panorama europeu não se apresenta muito favorável. Segundo dados fornecidos pelo Parlamento Europeu, a participação nas eleições europeias tem-se revelado pouco

expressiva. Desde 1979 até 2014, os valores de participação diminuíram em todos os atos eleitorais. Este cenário só foi revertido nas eleições de 2019, com cerca de 51% dos eleitores a votar.

A elevada taxa de abstenção nas eleições europeias levanta questões sobre a obrigatoriedade do voto. Até que ponto seria o voto obrigatório uma forma eficaz de combater a abstenção? Não poderão os países da União Europeia (UE), e até a própria instituição, criar medidas mais eficazes, que promovam o voto consciente?

Numa análise mais detalhada, Nuno Sampaio, autor do livro Eleições na União Europeia (2019), mostra que é nos países onde o voto é obrigatório que a taxa de abstenção é menor, e acrescenta: “o fator mais relevante para uma maior participação é o voto obrigatório”.

Vejam os exemplos concretos: Bélgica, Luxemburgo, Malta, Grécia, Chipre e Bulgária são os países da União Europeia onde o voto é obrigatório. Analisemos o caso da Bélgica. Em 2019, este país teve uma taxa de participação de 88% nas eleições europeias, o que contrasta com a taxa de participação da Eslováquia (23%). Já o Luxemburgo e Malta registaram uma menor taxa de participação, quando comparados com a Bélgica (84% e 72%, respetivamente), mas, ainda assim, muito acima da média europeia (51%).

Realmente, os números anteriormente apresentados dão-nos conta de que, de facto, o

voto obrigatório é capaz de combater, de certa forma, os níveis elevados de abstenção. Quando comparamos a abstenção em Portugal e no Luxemburgo (isto relativamente às eleições na União Europeia) encontramos uma grande discrepância. A taxa de participação do Luxemburgo é quase 3 vezes maior do que a de Portugal, que, em 2019, se situou nos 30%.

No entanto, esta obrigatoriedade coloca-nos perante algumas questões importantes. Críticos assumem que a obrigatoriedade do voto pode incorrer numa violação da liberdade individual, uma vez que as pessoas vão votar contra a sua vontade. É também possível destacar o desinteresse político, já que as pessoas são obrigadas a votar sem estarem devidamente informadas, o que leva à questão da qualidade do voto. O voto obrigatório não garante a sua qualidade, já que aqueles que se veem obrigados a votar podem fazê-lo sem qualquer tipo de interesse ou conhecimento.

O voto de cada cidadão elegível é, de facto, bastante importante, mas é mais importante que o voto seja consciente e livre, caso contrário poderá tornar-se num voto de protesto, o que pode trazer ainda mais complicações. Trata-se de consciencializar a população para a importância do seu voto e muni-la de informação necessária para uma escolha consciente. Portanto, a “solução” passa pela literacia política, no sentido de consciencializar os cidadãos sobre a importância do voto.

Em suma, o voto obrigatório pode diminuir as



taxas de abstenção, mas isso não evita problemas futuros (como o caso do voto de protesto que poderá culminar no crescimento de forças populistas e até eurocéticas). O voto é o cora-

ção da democracia e é nele que reside o futuro de toda a União Europeia, por isso, é necessário que cada cidadão vote com a total consciência de que o seu voto não é só mais um voto, é

antes um voto que pode fazer a diferença.

Martilde Martins, 12.º D, Ciência Política

## Pearl Harbor: o despertar de uma guerra

Em 7 de dezembro de 1941, o mundo testemunhou um dos eventos mais impactantes da Segunda Guerra Mundial: o ataque japonês a Pearl Harbor. Este momento crucial não só provocou uma resposta quase imediata dos Estados Unidos, mas também significou o início de uma escalada brutal nos conflitos no Pacífico. O Japão do século XX, impulsionado por uma ambição expansionista, encontrou-se diante da necessidade urgente de recursos naturais para sustentar o seu crescimento económico e militar. O petróleo emergiu como um recurso vital nessa procura, levando o Japão a depender fortemente das importações estrangeiras (EUA, Reino Unido e Países Baixos) para manter a sua indústria e exército em funcionamento.

Enquanto isso, os Estados Unidos da América (EUA) tinham uma política de isolamento/neutralidade, que rapidamente se converteu no Land-Lease\*, devido ao começo da II Guerra Mundial e das guerras expansionistas do Japão.

Com a crescente ameaça representada pelas ações japonesas na Ásia e no Pacífico, os EUA tiveram de intervir, pois algumas das suas rotas comerciais estavam a ser comprometidas. Foi, então, que os EUA bloquearam todas as exportações de recursos essenciais para o Japão,

ação que fez com que outros fornecedores fizessem o mesmo, causando aos nipónicos grandes prejuízos.

O ataque surpresa a Pearl Harbor, executado pela Marinha Imperial Japonesa, foi um golpe devastador para os EUA. Mais de 2400 americanos perderam as suas vidas e vários navios de guerra e aviões foram afundados e danificados. No entanto, três porta-aviões americanos escaparam do ataque, pois encontravam-se em missão em alto mar. Isso garantiu aos americanos uma capacidade de resposta rápida, nos meses seguintes.

O ataque a Pearl Harbor marcou o início de uma nova fase da II Guerra Mundial. Os EUA entraram, formalmente, no conflito contra o Japão, mas também contra os seus aliados Alemanha e Itália, desencadeando uma série de ataques militares que culminariam na rendição do Japão, em 1945. Os EUA lançaram dois ataques atómicos nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, respetivamente. Estes ataques mataram entre 129.000 e 226.000 pessoas, a maioria civis. Além disso, os EUA realizaram devastadores bombardeios com napalm\*\* por quase todo o Japão.

No final da guerra, o Japão recorreu a táticas desesperadas, incluindo o uso de pilotos

kamikaze. Estes eram pilotos japoneses que voavam em aviões carregados de explosivos, com a missão de realizar ataques suicidas contra navios dos Aliados. Cerca de 3.800 pilotos kamikazes despenharam-se contra alvos americanos, durante a guerra, causando a morte de mais de 7.000 militares aliados.

Pearl Harbor continua a ser um ponto de reflexão na história moderna, destacando os limites da guerra e as suas consequências devastadoras. É um lembrete vivo do poder dos eventos históricos para moldar o curso da humanidade. Este episódio ensina-nos também a importância da paz e da diplomacia na resolução de conflitos, e a necessidade de evitar a guerra a todo o custo. Afinal, as cicatrizes de Pearl Harbor são sentidas até hoje.

\*Programa implementado pelos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial, que fornecia, principalmente ao Reino Unido, à União Soviética e à China armamentos, alimentos, materiais e outros suprimentos essenciais empacotados, visando fortalecer as suas capacidades de combate contra as Potências do Eixo e o Japão.

\*\*Armamentos incendiários que continham uma mistura de géis e substâncias inflamáveis usadas para criar fogo intenso.

Ricardo Neves e João Ferreira, 12.º Ano, História

## A saúde mental é a chave para uma terceira idade plena ou apenas um sonho distante?

O acesso universal a serviços de saúde mental de qualidade deveria ser uma prioridade para os nossos políticos decisores, pois privar a população desse bem básico e necessário no serviço público é inaceitável. Em Portugal, estamos muito aquém nesse aspeto. O diagnóstico de ansiedade ou depressão já implica uma espera de até 4 meses no sistema público português. Com a correria do dia-a-dia e a aceleração entre trabalho, família e afazeres domésticos, o stress tornou-se uma das emoções mais frequentes. É imperativo uma resposta rápida e perspicaz que atenda às necessidades atuais da população em termos de saúde mental.

O foco deste artigo é a saúde mental dos idosos e baseia-se nas comunicações de António Leuschner e Margarida Pedroso de Lima sobre "Saúde Mental e Envelhecimento" (publicadas no livro Portugal 50 anos depois do 25 de Abril, que teve a coordenação científica de João Gouveia Monteiro), as quais versaram sobre as oportunidades que o envelhecimento populacional apresenta para a saúde mental em Portugal, cinco décadas após a «Revolução dos Cravos».

Sabemos que o envelhecimento traz consigo sérios transtornos psicológicos para quem o vivencia, quem o antecipa, quem o reflete, e até mesmo para aqueles que o imaginam. Uma visão peculiar sobre esta fase da vida pode ser encontrada na Abecásia, região da Geórgia conhecida por ter a maior concentração do mundo de centenários alegadamente felizes e saú-

dáveis. Lá, a velhice não é percecionada como um conceito negativo, mas sim como uma etapa natural da vida que, por isso, deve ser vivida com plenitude. Esta visão singular despertou o interesse de diversos investigadores, que descobriram que essa perspectiva contribui para a saúde mental e o bem-estar dos habitantes da região.

Contrariamente, em Portugal, é reconhecido que a maioria da população idosa enfrenta diariamente desafios como a solidão, a tristeza, o sentimento de abandono e até mesmo de inutilidade. Para lidar com esses problemas, devemos incentivar associações, organizações e outras entidades a agir em prol da mitigação desse problema, através de projetos que visem unir os idosos entre si, conectá-los com as gerações mais jovens, ou até mesmo ocupar o seu tempo de forma a prevenir doenças associadas aos sentimentos mencionados anteriormente. Dessa forma, é crucial pensar e lutar para garantir o bem-estar físico e psicológico da população idosa, visando alcançar uma maior longevidade com qualidade de vida.

Para alcançarmos resultados verdadeiramente satisfatórios precisamos de começar a considerar que se desejamos que as pessoas idosas sejam felizes e estejam em boa condição física e mental, devemos, desde já, começar a investir nas crianças. Afinal, ninguém fica em boa forma física se começar a praticar desporto aos 90 anos: embora seja benéfico, não é o ideal. Existe uma continuidade na nossa vida e um desenvolvimento que deve ser promovido

desde cedo.

Outro problema relacionado com a saúde mental e o envelhecimento é o estigma que ainda persiste em torno desses temas, especialmente no que diz respeito à saúde mental. Todos conhecemos pelo menos uma pessoa que, ao ser aconselhada a procurar ajuda de um psiquiatra ou psicólogo, responde de forma negativa, assumindo que não está "louca" para precisar dos serviços destes especialistas. No entanto, assim como não precisamos, necessariamente, de partir uma perna para ir ao médico, também podemos e devemos procurar ajuda para prevenir, identificar e analisar pequenos sintomas, por menores que pareçam ser. Portanto, é crucial combater esse estigma educando a população sobre esse problema. Devemos mostrar que todos somos humanos e que ninguém é invencível ou perfeito, que ninguém é capaz de estar sempre bem e feliz. Todos enfrentamos dificuldades e momentos de queda e não deveria ser um tabu discutir sobre isso, muito menos devia ser considerado um sinal de fraqueza ou vulnerabilidade. Devemo-nos libertar e expressar todos os nossos sentimentos e não apenas os bons.

Investir na saúde mental da população, em todas as idades, é crucial para construir um futuro mais justo e próspero. É necessário que os governos, as organizações da sociedade civil e a comunidade, em geral, se unam nesse esforço para garantir o acesso universal a serviços de qualidade, promover a consciencialização sobre a importância da saúde mental e com-

bater o estigma que ainda cerca os transtornos mentais. Ao cuidarmos da nossa saúde men-

tal, cuidamos do nosso bem-estar individual e coletivo e ajudamos a construir uma sociedade

mais saudável, resiliente e preparada para os desafios do presente e do futuro.

Sara Marques, 12.º A- Ciência Política

## III O perigo dos conflitos atuais “Nunca devemos subestimar a estupidez humana”

O mundo atual é frequentemente definido como uma “aldeia global”, que partilha informação, tem economias interligadas e costumes comuns. No entanto, nem em todos os espaços do globo os países vivem em coexistência pacífica e em cooperação com os seus vizinhos. A paz mundial tem vindo a ser ameaçada por diversos conflitos motivados por interesses políticos, económicos, desentendimentos religiosos, disputas territoriais, rivalidades étnicas, entre outros. Destacam-se, entre tantos outros, as guerras entre Israel e a Palestina e entre a Rússia e a Ucrânia, as quais pretendo aqui esboçar.

Apesar da recente radicalização do conflito, israelitas e palestinianos têm uma longa história de tensões e confrontos. Sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a perseguição ao povo judeu – o Holocausto perpetrado pelo Estado nazi alemão – impulsionou a sua emigração para a Palestina. Neste contexto, o movimento sionista já existente ganhou maior influência. O Sionismo defende que a sobrevivência do povo judeu depende da criação de um Estado próprio, reerguido na Palestina, devido à ligação da região às origens históricas da religião judaica. O Estado de Israel foi fundado, em 1948. Porém, nunca foi reconhecido pelas populações palestinianas e pela maioria dos Estados árabes. Um dos principais motivos deste conflito, além do fator religioso, é a disputa pelo domínio da cidade de Jerusalém e dos territórios da Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Os esforços dos EUA e de outros países e organizações não-governamentais para acordar a paz não têm sido eficazes e por isso não foram capazes de conter a mais recente radicalização da guerra, que eclodiu a 7 de outubro de 2023. Recorde-se que, neste dia, o grupo terrorista palestiniano do Hamas realizou um ataque brutal contra Israel, que provocou a morte a mais de mil judeus e fez cerca de 250 reféns civis e militares. A resposta de Israel foi ainda mais atroz, havendo quem considere que o governo Israelita está a cometer um genocídio contra a população palestiniana que vive na Faixa de Gaza.

Este conflito já provocou milhares de vítimas, a destruição de cidades, escolas e hospitais da Faixa de Gaza, bem como o êxodo forçado de milhares de palestinianos, que tem contribuído para agravar a crise dos refugiados na Europa. A guerra tem originado também graves danos nas economias da região e do mundo, pois o

Médio Oriente possui uma responsabilidade significativa na produção do petróleo consumido no mundo, além de passarem pela região diversas rotas, que, uma vez interrompidas, afetam seriamente as transações comerciais globais. Por outro lado, esta guerra tem consequências políticas de dimensão imprevisível. No domínio político, a possível intervenção de potências como os EUA, a Rússia ou mesmo a China e a intromissão do Irão e de diversos países árabes da região podem significar uma polarização mundial ainda mais acentuada, a corrida aos armamentos, a escalada das tensões e até a globalização do conflito. Esta guerra levanta, pois, a possibilidade de formação de alianças militares, além da propagação do terrorismo através de métodos de recrutamento e de ataques cirúrgicos que atentam contra a segurança dos Estados.

Já o caso da Rússia e da Ucrânia advém de motivos e interesses políticos. Embora a Rússia alegue que a invasão tem o objetivo de “desnazificar” o país e de salvar as comunidades de origem russa que vivem nas regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, a realidade não parece alinhar-se com esta justificação. O verdadeiro motivo desta invasão parece assentar no desejo de manutenção da influência da Rússia sobre as repúblicas da antiga União Soviética, bem como na resposta ao alargamento a Leste de organizações como a NATO e a UE. Assim, em 2014, a Rússia pôs em curso a invasão sucedida da Crimeia, que materializou o início do conflito. No dia 24 de fevereiro de 2022, deu-se a escalada do conflito, com a transferência de tropas russas para as regiões separatistas, cuja independência já tinha sido autoproclamada e reconhecida pela Rússia, e com a tentativa de invadir Kiev. Os dois países mantêm um conflito que já provocou milhares de vítimas mortais e que tem vindo a consolidar-se como uma ameaça à estabilidade europeia. As consequências globais convergem com as citadas acima. No entanto, é possível distinguir a crise alimentar, que resulta da quebra de importação do trigo produzido pela Ucrânia, da crise energética, causada pelas sanções e limitações da produção e exportação de petróleo e gás natural oriundos da Rússia e da Ucrânia e da crise financeira provocada pela inflação abrupta do preço destas fontes de energia.

Tendo isto em conta, o mundo deveria esforçar-se por negociar a paz e em encontrar soluções através do diálogo para superar os problemas

que causam as tensões. Porém, há cada vez mais obstáculos a futuros entendimentos. A ascensão dos populismos pode ser considerada um destes entraves, uma vez que os seus protagonistas banalizam discursos polarizadores, racistas e xenófobos, que fomentam o ódio e, por vezes, até a violência. Estes movimentos políticos têm vindo a alcançar um enorme lugar de destaque na cena europeia e internacional, protagonizado por líderes como Georgia Meloni (Itália), Viktor Orbán (Hungria), André Ventura (Portugal), Robert Fico (Eslováquia), entre outros. A popularização das suas ideias é um perigo para a estabilidade, para a democracia e, portanto, um passo atrás no respeito pelos direitos humanos e na resolução das rivalidades étnicas, religiosas ou separatistas. Relembremos a frase de François Mitterrand, presidente da República da França, entre 1981 e 1995, proferida no Parlamento Europeu: “O nacionalismo é a guerra” – um apelo à humildade e ao empenho na construção de um futuro pacífico e promissor que cada vez mais deve ser alvo da nossa atenção.

A possível reeleição de Donald Trump nas eleições presidenciais americanas de 2024 também não traz esperança. O autor de discursos de ódio, incitação à violência, agregados com a disseminação de fake-news, de teorias negacionistas e da conspiração, será uma barreira à prosperidade futura. É impossível prever o que serão as políticas americanas na sua liderança, bem como o futuro da Europa, visto que Trump já revelou a sua descrença na NATO, na defesa da Ucrânia e na proteção da Europa ocidental. Deste modo, é importante manter a consciência dos perigos dos conflitos emergentes no mundo atual e importa conter a sua escalada global. Hoje, uma guerra generalizada, com o recurso a armas tecnologicamente muito evoluídas, levaria a uma destruição massiva e a inimagináveis perdas materiais e humanitárias. Yuval Harari ilustra esta visão na obra 21 Lições para o séc. XXI, alertando que “a bomba atômica transformou a vitória numa guerra mundial num suicídio coletivo”.

É importante não viver assolado pelo medo da eclosão de um conflito armado, mas é imperativo reconhecer que seres humanos tendem a praticar atos irracionais e autodestrutivos. Neste sentido, termino com outra citação de Harari que serviu de subtítulo a este texto: “Nunca devemos subestimar a estupidez humana”.

Sara Ramos, Ciência Política, 12.º D

## III Tema aglutinador: “O planeta é a nossa Casa”

É inegável o poder que a educação tem para mudar o mundo, sendo que a tarefa do professor na sociedade é, talvez, a mais importante para a formação dos cidadãos, sem esquecer o não menos importante papel da família. A instrução, portanto, não se restringe à escola. É um direito de todos e visa ao pleno desenvolvimento humano por meio do processo de ensino-aprendizagem.

É papel fundamental de um país assegurar os direitos de cada pessoa, pois fazem parte da

constituição dar ao cidadão a possibilidade de viver decentemente, ter direito à educação, a ter ideias e poder expressá-las, direito de poder votar na escolha de seus representantes, de não ser discriminado pela sua classe social, cor, idade ou religião. Da mesma forma, o respeito pelas regras públicas básicas como: respeitar o sinal vermelho, não abandonar lixo na rua, na água, não destruir o património público, colaborar com as autoridades e cumprir as leis. Estamos a falar de socialização/cidadania

e está diretamente ligada a conquistas da humanidade, aos direitos das pessoas (e esses devem ser assegurados) e também aos deveres, de onde cada indivíduo deverá respeitar certas regras para que o convívio social seja possível, de forma a não prejudicar o próximo ou a si mesmo. Por conseguinte, deve compreender um conjunto de deveres não só do cidadão para com o Estado, mas também com o próximo e, em especial, com o meio-ambiente (com o planeta), uma vez que somos parte de

um ecossistema complexo que funciona de maneira integrada.

Nas Orientações curriculares da educação pré-escolar, "A educação para a cidadania relaciona-se também com o desenvolvimento progressivo do espírito crítico face ao mundo que rodeia a criança, incluindo nomeadamente os diferentes meios de comunicação com que contacta no dia a dia. O respeito e a valorização pelo ambiente natural e social e pelo património paisagístico são ainda abordados na Formação Pessoal e Social, numa perspetiva de corresponsabilização do que é de todos no presente e tendo em conta o futuro."

Quanto ao papel dos cidadãos, pequenas ações condizentes com o conceito de responsabilidade socioambiental já teriam o condão de auxiliar na construção de uma nova concepção político-jurídica de cidadania, tais como a economia no uso da água e da energia elétrica, a maior utilização dos transportes públicos em detrimento do veículo particular etc., além da participação no sentido de apoiar ações em prol do ambiente. Seguindo este raciocínio é crucial que os educadores tenham consciência de que ações locais interferem ou refletem, direta ou indiretamente em todo o mundo; é o pensar global e atuar localmente.

A educação ambiental com as crianças deve iniciar-se desde muito cedo, pois o destino do planeta está nas mãos delas. Mas como explicar a importância da sustentabilidade para as crianças? Promover a consciencialização desde cedo sobre o meio ambiente também é uma forma de ajudar o planeta.

Existem diferentes maneiras de falar sobre sustentabilidade com os pequenos, seja na escola ou até em casa com a família, através de pequenas atividades como por exemplo: organizar atividades ao ar livre - favorecer o contacto com a natureza, a preservação da mesma e, consequentemente, a limpeza dos espaços públicos; organizar passeios por zonas verdes e com maior biodiversidade salientando a importância da proteção dos mesmos para a nossa saúde e do planeta; plantar uma mini horta com a ajuda dos pequenos (semear flores amigas das abelhas, abordando o ciclo do mel). Há também o Dia Mundial da Água, o Dia Mundial do Meio Ambiente, o Dia da Árvore e outras datas comemorativas. No entanto, nem todas são benéficas para o ambiente sendo que a maior parte apela ao excesso de consumo, elevando as taxas de poluição, nomeadamente os plásticos. O indicado é fazer ações capazes de ajudar a assimilar na prática os conceitos. As crianças aprendem mais facilmente por meio de jogos, brincadeiras, músicas ou trabalhos manuais.

Como exposto no Relatório Brundtland (em in-

glês) de 1987: "O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades".

Cada vez reciclamos mais, mas não é suficiente. Os últimos dados da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento (OCDE) deixam isso claro, um organismo formado por 36 dos países mais ricos do mundo, que advertia sobre a situação: os membros deste seletto clube apenas recicla, em média, 36% dos seus resíduos municipais.

O Banco Mundial (BM) alertou em 2018 que as áreas urbanas produzem mais de 2 bilhões de toneladas anuais de resíduos sólidos, um número que poderia aumentar em 70% em 2050 se não adotarmos medidas urgentes. O próprio BM apela aos países para que melhorem a gestão dos resíduos e gerem menos lixo com ações educativas para o consumidor e apoio a programas de reciclagem.

A reciclagem é uma das soluções mais visíveis contra a proliferação de resíduos, mas não faz milagres. Se queremos habitar um planeta sustentável, precisamos dar um passo adiante e cumprir a regra dos 3R. Esta proposta de consumo responsável, popularizada pela ONG ecologista Greenpeace, está baseada em três pilares:

**Reduzir:** devemos minimizar o nosso impacto no meio ambiente produzindo menos resíduos (plásticos, resíduos nucleares, emissões de CO2.).

**Reutilizar:** temos de nos acostumar a prolongar a vida útil dos objetos e dos materiais, dando-lhes uma segunda oportunidade.

**Reciclar:** quando você não puder reduzir a sua quantidade de resíduos ou reutilizá-los com novos usos, opte pela reciclagem.

Estimamos que conhecemos entre 2 e 5% da diversidade biológica do planeta. Uma gravís-

sima extinção de populações e espécies biológicas. Nos últimos 100 anos foram extintas 600 espécies de vertebrados entre eles bisontes e elefantes. Nós somos a causa, mas ainda estamos a tempo de ser a solução. O crescimento populacional, o excesso de consumos e seus impactos, as tecnologias ineficientes, o efeito de estufa... outras causas são as emigrações, a distribuição e tráfico da vida animal na terra. Temos perdido 70% de todos os animais desde 1980. Tudo tem repercussão na vida humana. E um exemplo são as doenças e epidemias transmitidas entre os animais.

Os funcionamentos dos ecossistemas são fundamentais para se manter a vida na terra. O bom funcionamento da natureza traz muitos benefícios ao homem como a quantidade e qualidade de água potável, a combinação de gases na atmosfera ou o efeito da polinização na alimentação quer humana quer dos restantes animais.

Tal como refere Jorge Paiva, ..." apesar ser uma sociedade que não dá votos, o pré-escolar é uma etapa importantíssima no desenvolvimento das crianças". O imaginar que vivemos numa gaiola (planeta). Que fazer e como fazer para viver nela?

Como educadores conscientes somos responsáveis por nos manter informados face às problemáticas ambientais atuais. É nosso dever promover entre as crianças os valores de respeito e conservação da natureza. Deixaremos em suas mãos o nosso futuro e o de milhões de espécies que dependerão, então, da sua sensibilidade para evitarem uma extinção quase anunciada. Portanto, devemos evitar que a próxima geração cometa os nossos mesmos erros e educá-la para construir um mundo melhor e mais sustentável.

Deolinda Lucas, educadora de infância do JI Meruge, Coordenadora do departamento de EPEOH



## Cidadanias

### Momentos de Cidadania - "Dia do Ambiente"

Para assinalar o "Dia do Ambiente", a 5 de junho de 2024, as crianças do Jardim de Infância Alvoco das Várzeas, participaram numa "Marcha" pelas ruas da cidade de Oliveira do Hospital, no âmbito do projeto "Move-te pelo Ambiente", dinamizado pela Fundação Aurélio Amaro Dinis com o apoio do Agrupamento e do

Município.

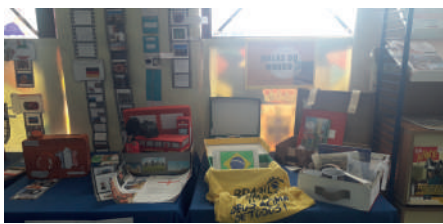
Um contributo importante na construção e preservação de um mundo melhor, em que todos somos importantes, apesar das diferenças!

Educadora Paula Martins





## Malas do Mundo



Na nossa turma temos cinco alunos que vieram de outros países: França, Inglaterra, Brasil e Suíça. Estes alunos adaptaram-se bem à nossa escola e gostam do nosso país! No âmbito da Cidadania e Desenvolvimento,

construímos umas malas com caixas de cartão, com a ajuda dos nossos pais. O objetivo do desafio que nos foi proposto era dar a conhecer a todos os colegas os costumes, as tradições, as paisagens, as bandeiras, os respetivos mapas, as moedas, a gastronomia... dos nossos países de origem. Assim, transformámos as caixas de cartão em malas, decorámo-las e colocámos lá dentro: desenhos, objetos, algumas construções feitas com materiais recicláveis, embalagens de alimentos... De seguida, apresentámos as malas a todos os colegas e estas ficaram expostas na Biblioteca da nossa Escola. Esta atividade foi muito interessante,

pois aprendemos, de forma diferente, as características dos diferentes países.

Os alunos do 3.º ano da EB de Cordinha



## Entrevistas

**Esta entrevista refere-se à experiência e opinião da D. Alcina Rodrigues, Assistente Operacional na Escola Básica da Cordinha - Ervedal da Beira, sobre a Revolução dos Cravos que ocorreu no dia 25 de abril de 1974.**

**1. Qual o significado do 25 de abril de 1974?**  
Para mim o 25 de abril significa liberdade de expressão e direitos.

Nós vivíamos em anarquia total. A PIDE perseguia quem falasse mal do salazarismo e vivíamos com bastante dificuldade”.

**2. Como descreveria a situação/clima social e político vivido antes do 25 de abril de 1974?**  
Eu descreveria esta situação com as palavras “terror, medo e bastante repressão” para quem fosse contra o regime.

**3. Onde estava no dia 25 de abril de 1974?**  
No dia 25 de abril de 1974 estava em Oliveira do Hospital, na Escola Brás Garcia de Mascarenhas, nessa altura no 5º ano.

**4. Como teve conhecimento dos acontecimentos ocorridos em Lisboa, no dia 25 de abril de 1974?**  
Este acontecimento foi-nos transmitido a partir do diretor da escola. Pediu para apanharmos o autocarro e irmos para casa. Como eu era a mais nova o clima era de terror.

**5. Identifica alguma personagem/figura ou instituição que teve um papel importante nessa revolução.**  
Salgueiro Maia, Henrique de Barros, Mário Soares, Álvaro Cunhal, entre outros, que sofreram consequências e sacrificaram-se pelo povo português.

**6. Quais foram as principais mudanças que teve na sua vida, após o 25 de abril de 1974?**  
Nessa altura tinha uma imagem de receio, porque era muito nova e não percebia o que se estava a passar, só passados uns anos é que eu percebi a gravidade da situação antes do 25 de abril de 1974.

Trabalho realizado por: Bianca Rodrigues, Gabriela Dinis e Margarida Paiva 9º H – Escola Básica da Cordinha

**As entrevistas que aqui se apresentam foram realizadas por alguns alu-**

**nos do 8.º e 9.º anos, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, inseridas nas Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH. Entrevista ao diretor do AEOH, professor Carlos Carvalheira**

**1 – Qual o significado do 25 de abril de 1974?**  
Significou liberdade, tolerância e defesa dos valores de respeito e democracia.

**2 – Como descreveria a situação/clima social e político vivido antes do 25 de abril de 1974?**  
Era um período onde não havia liberdade de expressão, as pessoas viviam com dificuldades e não se podiam exprimir. A Guerra Colonial também estava a criar um sentimento de revolta nas famílias. O país estava a isolar-se do resto da Europa.

**3 – Onde estava no dia 25 de abril de 1974?**  
Estava a estudar no 4.º ano, na Escola Primária de Ervedal da Beira.

**4 – Como teve conhecimento dos acontecimentos ocorridos em Lisboa, no dia 25 de abril de 1974?**  
Através da rádio e da televisão.

**5 – Identifica alguma personagem/figura ou instituição que teve um papel importante nessa revolução?**  
Salgueiro Maia, Otelo Saraiva de Carvalho, Mário Soares, Álvaro Cunhal, entre outros.

**6 – Quais foram as principais mudanças que tiveram na sua vida, após o 25 de abril de 1974?**  
Ter uma escola pública e um SNS gratuito e igual para todos. Termos liberdade de expressão e uma identidade própria, sem medo de represálias.

João Brito e Samuel Pieruz, do 8.º D

**25 de Abril: Uma Revolução de Liberdade e Mudança**  
**No dia 25 de Abril, entrevistei José Manuel, um ex-piloto da Força Aérea Portuguesa que testemunhou de perto os eventos da “Revolução dos Cravos”. José Manuel, meu avô paterno, partilha connosco as suas memórias e reflexões sobre este momento histórico que marcou profundamente o nosso país.**

**Qual o significado do 25 de Abril de 1974?**  
O significado do 25 de abril 1974 foi a deposição pelo MFA (Movimento das Forças Armadas) do chamado Estado Novo, e a instituição da liberdade com a ajuda do povo.

**Como descreveria a situação/clima social e político vivido antes do 25 de Abril de 1974?**  
Antes do 25 de abril, a população portuguesa vivia com grandes dificuldades económicas, motivadas pela guerra colonial e associadas à crise petrolífera de 1973, que fez com que os principais bens de consumo aumentassem drasticamente.

O panorama político era muito cinzento: na chamada Assembleia Nacional só havia um partido, a União Nacional, que era afeta ao governo de então. Havia uma ala liberal que não alinhava com as ideias emanadas da UN, mas não podia discordar muito, pois a polícia política de então, chamada PIDE, controlava tudo e todos, através dos seus agentes infiltrados em toda a comunidade. A imprensa tinha, também, um controle intenso, através da censura. Logo nenhum jornal era posto à venda sem que fosse lido pelos agentes da censura.

As pessoas não podiam expressar livremente as suas ideias contrárias ao regime vigente, sob pena de serem levadas pela polícia política, eram interrogadas e torturadas, e algumas eram levadas para a prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, onde alguns morreram sob tortura.

**Onde estava no dia 25 de Abril de 1974?**  
Quando se deu o 25 de Abril estava na Força Aérea a acabar o curso de pilotagem, na Base Área nº 7, em São Jacinto, Aveiro.

**Como teve conhecimento dos acontecimentos ocorridos em Lisboa, no dia 25 de Abril de 1974?**  
Curiosamente, nessa manhã, ainda fiz um voo de instrução. Depois fomos mandados regressar à base e já não houve mais voos. Foi numa aula de meteorologia dada por um capitão da especialidade que tivemos conhecimento da revolução.

**Identifique algumas personagens/figuras ou instituições que tiveram um papel importante nesta revolução.**

As principais personagens da revolução foram os chamados “capitães de abril”: Capitão Salgueiro Maia, o Major Otelo Saraiva de Carvalho, entre outros.

**Quais foram as principais mudanças que teve na sua vida após o 25 de Abril de 1974?**

As principais mudanças que tivemos após o 25 de Abril foram as eleições livres e democráticas de 1976, em que foram eleitos, pela primeira vez, deputados para a Assembleia da República, oriundos de diversos partidos políticos. Foram também instituídos os subsídios de Natal e o de Férias. Foi dada luz verde à constituição legal de vários sindicatos, para representar os trabalhadores nas suas reivindicações salariais e de condições de trabalho. Foi abolida a censura e a licença de isqueiro. Na minha vida, a principal mudança foi a de já não ter de ir para guerra Colonial.

**Descreva, numa frase, a importância que o 25 de Abril teve na sua vida.**

O 25 de Abril foi um marco crucial que me proporcionou a liberdade e a democracia, possibilitando viver numa sociedade mais justa e igualitária.

A “Revolução dos Cravos” foi um momento de viragem na história de Portugal, trazendo consigo liberdade e democracia. As experiências e reflexões de José Manuel oferecem um vislumbre vívido desse tempo histórico e da importância duradoura do 25 de Abril para o povo português. Celebrar esta data é relembrar a luta pela liberdade e a necessidade contínua de proteger os valores democráticos conquistados.

Mariana Loureiro Gonçalves, 8.ºD

**Entrevista à professora Rosalinda Ribeiro**

**Onde é que estava no dia 25 de Abril de 1974?**

No dia 25 de Abril de 1974 estava em casa [Oeiras].

**Quantos anos tinha?**

Tinha 17 anos e frequentava o Liceu Nacional de Oeiras.

**Tinha familiares que participaram na revolução?**

Apesar de em minha casa, em termos familiares, haver opiniões contra o regime [fascista] em vigor, não houve ninguém que participasse diretamente na revolução, até porque ela foi realizada por militares e não pela população civil.

**Como é viver em ditadura?**

Viver em ditadura é sobretudo viver com medo. Medo de dizer algo que não agrade ao regime em conversas com pessoas que considerava amigos. Medo de algum deles nos denunciar à PIDE, que era a Polícia Política. Medo de ser preso por ter uma opinião diferente. Medo e angústia por não poder pensar pela nossa cabeça e ter de aceitar ideias em que não nos revimos. Muitos portugueses foram presos por discordarem do regime, foram torturados e obrigados, pela violência física, a denunciar outros seus amigos que tinham ideias democráticas.

**O que sentiu durante a Revolução?**

Senti o que sentiram milhões de portugueses que saíram à rua e festejaram a chegada da liberdade. Depois da surpresa, pois não ser percebido logo que revolução era aquela, havia um sentimento de emoções, de felicidade, de alegria, pessoas que se abraçavam e que fes-

tejavam o dia porque tantos esperaram.

**O que se lembra desse dia?**

Lembro de me levantar e haver conversas lá em casa sobre o que estava a acontecer. Percebi que tinha havido um “golpe de estado”. Os meus familiares falavam uns com os outros e não se sabia muito bem o que iria acontecer. Estava-se na expectativa. Entretanto fui para o Liceu e quando lá cheguei havia alguma confusão e os alunos foram enviados para casa. Concordeu com a revolução? Porquê?

Concordei, sim. Havia muita coisa a mudar. Não era fácil viver em ditadura. As condições socioeconómicas não eram as melhores no país, com muita pobreza, elevado nível de analfabetismo, falta de liberdade de expressão.

**Qual foi a sua melhor e pior lembrança dessa época?**

Apesar de tudo, tive uma infância e adolescência felizes. Vivíamos com respeito e educação. O pior e o que menos gostava era das condições de vida de uma grande parte da população, que vivia com fome e numa pobreza extrema.

**Qual foi o impacto que a revolução teve na sua vida?**

A revolução teve um impacto não só na minha vida, mas na vida de todos os portugueses. Sobretudo nos portugueses exilados noutros países, pois tinham fugido para não serem presos. Esses puderam regressar, havendo dois que foram recebidos por centenas de milhares de portugueses: Mário Soares e Álvaro Cunhal. Isto é, passámos de uma ditadura para a democracia. Nesta altura, a maioria dos países europeus ocidentais já tinham regimes democráticos. Outro aspeto importante da Revolução foi ter posto fim à Guerra Colonial, que já se arrastava há anos e que vitimou muitos jovens.

**Qual foi a sua primeira reação ao receber a notícia?**

Depois de perceber o que realmente tinha acontecido, a sensação foi de contentamento, de felicidade, até porque o meu pai era crítico da ditadura e tinha medo que ele fosse preso. Foi um alívio.

**Já sabia que a revolução ia acontecer?**

Sabia-se que tinha havido uma tentativa de golpe de Estado, a 16 de março de 1974, promovida por militares. Mas sobre ela pouco se soube, pois o regime controlava os jornais, as rádios e a televisão e estes não podiam divulgar notícias sobre o assunto. Por isso era difícil saber que iria haver uma revolução.

Débora Santos e Madalena Amaral, do 9.º C

**Entrevista a Fernanda Guerrinha, assistente operacional do AEOH**

**Qual a sua opinião sobre a forma que Portugal era governado antes do 25 de abril?**

R: Na altura, não era crescida o suficiente para ter uma opinião formada em relação a isso, porque vivia naquelas condições, para mim era o normal e não se falava muito de como era porque era o que tínhamos. Só após a revolução é que começámos a ter noção que as coisas não estavam bem. Só mesmo a partir daí

comecei a sentir, realmente, que as coisas não estavam bem, no passado.

**Onde é que estava no 25 de abril de 1974?**

R: Estava a estudar em Coimbra, tinha 12 anos. Andava no liceu D. Maria, que era um liceu feminino. Até aí, não havia escolas mistas. E lembro-me das pessoas andarem na rua a cantar, a gritar. Aí eu juntei-me às pessoas, mas sem saber muito bem o que é que estava a acontecer. Só depois é que soube.

**O que recorda sobre esse dia?**

R: Recordo que andei na rua, em manifestações, a cantar; essencialmente, lembro-me de cantar muitas canções do Zeca Afonso. Foi aí que eu aprendi a gostar do Zeca Afonso. E divertímo-nos, gritámos «liberdade».

**Viu militares com cravos nas armas?**

R: Em Coimbra não vi. Não me apercebi dessa parte. Só tive acesso a algumas imagens na televisão, embora, na altura, a televisão não era como hoje. Vi na TV pessoas que foram libertadas, e foi aí que tive noção de que essas pessoas estavam presas não porque eram criminosas, mas porque eram contra a opressão causada pelo regime do Estado Novo.

**Qual foi a sua reação imediata ao ouvir falar da queda do regime?**

R: Não tive nenhuma reação imediata, porque o que é que eu sabia em relação ao regime? Não sabia nada. Na escola, aprendíamos História, mas não nos diziam que aquele regime era mau, porque não podiam dizê-lo... Portanto, só fui constatando essas coisas, no dia a dia, do pós 25 de Abril. Fui-me apercebendo que as coisas realmente estavam melhores, que éramos finalmente pessoas sem restrições, sem censura, mas, daquela idade, era impossível saber o que é que estava a acontecer na realidade.

**Qual era a atmosfera nas ruas no dia da revolução?**

R: Alegria, essencialmente muita alegria.

**Lembra-se dos sentimentos e da atmosfera social durante os dias que antecederam a «Revolução dos Cravos»?**

R: Não. Para mim, a única diferença que eu notei no pós 25 de Abril foi, realmente, sentir que as pessoas andavam mais livres, mais abertas, mais felizes, coisa que dantes não acontecia. Mas, como eu vos disse no início, aquela apatia era normal. Portanto, para nós, só quando aconteceu o 25 de Abril é que eu e pessoas da minha idade sentimos que havia alguma coisa que não tinha estado bem anteriormente. Mas nós éramos crianças e por isso não sabíamos o porquê.

**Houve desafios pessoais ou profissionais que enfrentou devido às mudanças políticas?**

R: Desafios pessoais houve. Até aí só convivia com meninas, pelo menos na escola. E foi um desafio pessoal começar a conviver com rapazes, falar de coisas que até aí não era permitido falar, porque era rapariga, porque tínhamos uma educação diferente. Senti que as coisas mudaram a partir daí.

**Quais foram as mudanças após o 25 de Abril?**

R: Bastantes. Senti que podíamos ter mais li-



berdade, essencialmente foi o que eu senti: liberdade. Porque vi que havia pessoas mais velhas do que eu que começaram a dizer o que pensavam, o que sentiam, coisa que até então não era possível.

#### Pois... por causa da PIDE...

R: Sim. Fiquei a saber, então, que tinha um primo na família, um primo do lado do meu pai que pertencia à PIDE, coisa que eu desconhecia por completo, nem sabia o que era a PIDE. Fiquei a saber, nessa altura, que ele foi preso. Mas, essencialmente, o que me marcou foi sentir que tínhamos liberdade, que podíamos falar sem termos medo.

#### O que mudou na sua vida quotidiana sobre a queda do regime anterior e a instauração de um regime democrático?

R: A primeira coisa que mudou e que senti mesmo foi o facto de passar a haver escolas mistas. Portanto, já não eram as meninas aqui e os rapazes ali. E, lá está, tinha 12 anos, portanto ainda não tinha aquele passado de sentir que não podia falar abertamente. E só quando

comecei a ver as pessoas mais velhas do que eu, às vezes até parecia que tinham um sorriso maior e aí é que eu vi a tal liberdade que as pessoas começaram a sentir e que até aí não tinham.

#### Como se sentia em relação à liberdade de expressão e participação política após a revolução, pois passaram a existir outros partidos.

R: Já havia outros partidos. Aí começámos a saber o que era a democracia porque antes não se falava em democracia. A ditadura do Estado Novo era para nós normal e ninguém falava, ninguém dizia que havia outras oportunidades, porque não se podia. Então fiquei feliz por saber que as pessoas podiam cada uma ter a sua ideologia, apresentar propostas, fazer coisas diferentes.

#### Qual a importância do 25 de Abril na sua perspetiva pessoal?

R: Ser a pessoa que sou, sem ter medo de falar, de dizer o que penso em relação a um partido, em relação a um político qualquer. Ter uma

opinião em relação à religião. Por exemplo, dantes as pessoas tinham que seguir a religião católica, porque senão eram criticadas. Acima de tudo, sou como sou graças ao 25 de Abril.

#### Há alguma mensagem ou reflexão que gostasse de partilhar sobre esse momento histórico?

R: A mensagem que gostava de partilhar é que, cada vez mais, sinto que muitas das coisas que foram ganhas no 25 de Abril estão-se a perder. A democracia... Por vezes questionamos um bocadinho essa parte e não sei até que ponto a democracia ainda é democracia. Também penso que o facto de termos liberdade não quer dizer que possamos fazer tudo. E acho que muitas pessoas pensam que ter liberdade é poder fazer tudo e mais alguma coisa. Mas a nossa liberdade termina quando começa a do outro, não é? E são essas coisas que eu acho que as pessoas por vezes se esquecem. Estamos a perder um pouco daquilo que se ganhou no 25 de Abril.

Martim Silva e Luísa Silva, do 8.º C

## Sarau Intercultural



O Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital tem vindo, nos últimos anos, a receber alunos de países dos quatro cantos do mundo. Atentos a esta nova realidade, realizou-se, no dia 21 de maio, um Sarau Intercultural, festejando assim a diversidade cultural existente no Agrupamento. Este evento foi dinamizado pelos professores da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e contou com a participação de alunos, pais/encarregados de educação, familiares e professores que se juntaram para



celebrar todos aqueles que escolheram, por razões várias, esta terra da Beira Interior para construir o seu futuro.

Esta atividade reuniu, no mesmo espaço, pessoas com histórias de vida tão diversas. Não olhando às diferenças, alunos de mais de vinte países, desde a Ucrânia à França, dos EUA ao Brasil, de Moçambique a Israel, do Bangladesh à Austrália, entre outros, sem esquecer as gentes de Oliveira do Hospital, todos interagiram e celebraram a diversidade cultural.



Foi realmente uma noite mágica que teve música, dança, exposições e gastronomia, numa mistura de culturas, cheiros, sons, pessoas e línguas. As diferenças esbateram-se, pois a escola é o lugar por excelência da comunidade, da diversidade, da partilha e da inclusão. Somos todos AEOH.

As professoras de Cidadania e Desenvolvimento: Helena Gouveia e Susana Antunes

## Explorando a Riqueza Histórica da Covilhã e Belmonte



A visita de estudo à Covilhã e Belmonte, relacionada com a disciplina de História e de Cidadania e Desenvolvimento, decorreu no dia 19 de abril.

Saímos de autocarro, logo pela manhã, e seguimos em direção ao nosso primeiro destino: a Covilhã. Por lá, visitámos o Museu dos Lanifícios, um museu dedicado à história e à indústria dos lanifícios e que está localizado no edifício da antiga Real Fábrica de Panos. O Museu inclui várias exposições sobre a produção de lã e têxteis, desde os processos tradicionais até às tecnologias modernas. Oferece uma visão abrangente sobre a importância histórica da indústria têxtil na Covilhã, que teve um papel fundamental no desenvolvimento económico e social da região.

O objetivo da visita à Covilhã estava cumprido! Partimos, então, para Belmonte onde chegá-

mos na hora certa para almoçarmos. Fizemos um piquenique ao ar livre, que foi revitalizante para a continuação da nossa aventura do dia! Uma das visitas mais interessantes esperava por nós e seguimos para a Sinagoga Beit Eliahu. Foi um senhor judeu que nos apresentou a Sinagoga e nos ensinou muito sobre a religião judaica. Percebemos que os judeus têm uma rica tradição religiosa, cultural e ética, fundamentada em diversos princípios e práticas. Esta Sinagoga foi restaurada e é agora um símbolo da herança judaica da região.

Antes de regressarmos a casa, ainda tivemos tempo de conhecer o Museu dos Descobrimentos, situado, também, em Belmonte, a terra onde Pedro Álvares Cabral nasceu. O Museu dos Descobrimentos celebra a história das grandes navegações portuguesas, especialmente nos séculos XV e XVI. Exibe instrumentos de



navegação, mapas, modelos de embarcações e detalhes sobre as viagens dos navegadores portugueses. Utiliza recursos interativos, muito interessantes, para explicar o impacto cultural e económico dos Descobrimentos, no sentido de preservar a herança histórica de Portugal.

Visitas concluídas, regressámos ao autocarro. O regresso a casa foi animado, como já é habitual nas visitas de estudo - muita música, muita animação!

Mas voltando ao essencial, a nossa visita de estudo à Covilhã e a Belmonte foi uma jornada enriquecedora, pelo passado de Portugal. Ao explorar a história dos lanifícios na Covilhã e a herança dos Descobrimentos em Belmonte,

ganhámos uma nova apreciação pela riqueza cultural e histórica do nosso país. Concluindo, esta experiência não só nos edu-

cou, mas também nos inspirou a valorizar e preservar o nosso património.

Mariana Loureiro Gonçalves, 8ºD



## Projetos/Clubes

### “A Escola e o Meio”



Mais um ano letivo que chegou ao fim, tal como a 13ª temporada do programa semanal «A Escola e o Meio», dinamizado pelo Clube de Rádio da AEOH desde 2011 e, este ano, coordenado pelos professores Ana Mendonça e Basílio Lima. Ao longo deste ano letivo, 2023/2024, foram transmitidos 23 programas na Rádio Boa Nova (RBN), às quintas-feiras e aos sábados. Estes programas, assim como os das temporadas anteriores, estão disponíveis no podcast da RBN, na rubrica «AEOH – A Escola e o Meio».

O programa «A Escola e o Meio» contou com uma estrutura base que se manteve ao longo de todos os programas, assente em rubricas com assinatura de autor e um reportório musical escolhido pelos elementos do Clube de Rádio, nomeadamente os alunos Ricardo Neves e Sebastião Alves.

Salienta-se o bom ambiente, a partilha de emoções e de atitudes, a boa disposição e as boas gargalhadas em todos os programas. Bons debates e boas rubricas sempre com temas atuais, oportunos e interessantes, acompanhados de boa música.

Foram sem dúvida bons momentos para recordar e ouvir!

A Ana Ribeiro, que entrou este ano para o Clube, presenteou-nos com informações relevantes sobre a história, a arte e a importância de vários instrumentos musicais dentro do universo da música.

A novel Diana Diniz concedeu-nos boas lições

sobre a moda e a sua relação com o mundo em que vivemos e as tecnologias.

O nosso “homem” do cinema, o aluno José Ribeiro, fez a historiografia do cinema desde os seus primórdios até à atualidade.

A aluna Matilde Martins, responsável pelas sugestões de leitura, apresentou uma panóplia de livros, focando os aspetos mais relevantes e motivadores de forma a seduzir os ouvintes para a leitura dos mesmos. Ler mais é saber mais!

Através da rubrica do aluno João Mário, ficámos a conhecer um pouco as novidades do mundo cinematográfico, das séries televisivas e do mundo virtual. Porém, a faceta que ele acabou por revelar, neste final do ano letivo, foi a sua inserção no mundo musical, como intérprete do grupo “Jario”, cujas músicas ficámos a conhecer.

Acutilante e perspicaz. Estes dois adjetivos qualificam as crónicas semanais da política nacional e internacional realizadas pela aluna Mafalda Correia. Ao ouvirmos as crónicas da Mafalda desde o primeiro programa, podemos traçar o panorama político lusitano e mundial vivido durante o ano letivo.

A atualidade política internacional foi notícia neste programa pela voz da aluna Beatriz Vaz Patto. Fazendo uma retrospectiva do panorama internacional através dos textos da Beatriz, constatamos que o mundo viveu e vive uma crise profunda de valores e, sobretudo, de humanismo, com destaque para os múltiplos conflitos à escala mundial.

Com as sugestões de viagens da Mafalda Correia, pudemos percorrer o país de norte a sul, visitando feiras, festas e património cultural, arquitetónico e paisagístico. Revendo todas as sugestões apresentadas pela Mafalda, podemos compor o mapa de festas, feiras e romarias de Portugal ao longo do ano letivo. «Em qualquer aventura, /O que importa é partir, não é chegar» - Miguel Torga, «Viagem».

O Sebastião Alves introduziu, neste ano, uma

nova rubrica de sucesso: “espaço de debate” sobre temas pertinentes e da atualidade. Foram discussões acaloradas, expressando, por vezes, pontos de vista diferentes, mas sempre num espírito de tolerância e respeito. Um dos seus convidados de eleição foi o Duarte Vieira, sempre polémico com as suas intervenções.

Sendo este programa do AEOH, nos vários programas destacámos as atividades desenvolvidas pelo Agrupamento durante cada semana. No final, os 23 programas de «A Escola e o meio» constituem um prolixo compêndio das atividades do AEOH.

Sem dúvida, um agrupamento do interior, mas de uma riqueza extraordinária!

Por outro lado, convém salientar que houve em muitos programas momentos que deixaram uma marca indelével nesta 13ª temporada radiofónica. De facto, as entrevistas feitas a várias personalidades (alunos, ex-alunos, professores, avós, e não só...) que se evidenciaram ao longo do ano letivo, «por obras valerosas», foram os momentos que merecem ser sublimados. Inesquecíveis foram igualmente os momentos em que pudemos apreciar atuações musicais ao vivo através das vozes prodigiosas e promissoras das alunas Madalena Costa e Sofia Fonseca.

Merece ainda destaque o programa dedicado aos 50 anos do 25 de Abril. Foi uma sessão de evocação histórica através das canções senha e das memórias na primeira pessoa contadas pelos nossos convidados, ainda jovens na época, D. Ana Lemos, D. Celeste Vieira, Sr. Abílio Lopes e Sr. José Vieira. Contámos, ainda em estúdio, com a presença de alunos do 2.º ciclo, coordenados pela Professora Cristina Dias, que recriaram, de uma forma exemplar, a divulgação da boa nova - fim da ditadura, início de uma nova era – trajando o uniforme militar do MFA.!

O Clube de Rádio, fundado pela nossa querida colega Célia Lourenço, permitiu que, ao longo de todos estes anos, tantos alunos tivessem



a oportunidade de descontraír, conviver, conversar e partilhar assuntos do seu interesse e, também, de encontrar o seu caminho no seu percurso académico e pessoal, testemunhos dos nossos locutores.

Aos nossos locutores, Mafalda Correia, Beatriz Vaz Patto, Matilde Martins, Martim Santos, Ricardo Neves, João Ferreira, Sebastião Alves,

que, no próximo ano letivo, irão seguir as suas vidas fora do AEOH, desejamos felicidades e os maiores sucessos. Chegou a altura de voarem...voarem longe, seguirem os seus sonhos e serem felizes!

Bem-hajam queridos alunos e excelentes locutores, por serem quem são, jovens interventivos, interessados e bons comunicadores.

Jovens como vós, fazem-nos acreditar que a juventude é o que há de melhor na nossa sociedade.

Um agradecimento muito especial à Radio Boa Nova, uma rádio que permite aos jovens oliveirenses levar mais longe a sua voz e o seu gosto pela comunicação.

Ana Mendonça e Basílio Lima

## Projeto “Cuerdas na Cordinha” na Comunidade



O Projeto “Cuerdas na Cordinha”, iniciado no ano letivo transato, na EB da Cordinha, e fundamentado nos princípios da Educação Inclusiva, teve como ângulo promover o desenvolvimento de competências socioemocionais dos alunos, contribuindo, desta forma, para a construção de uma sociedade mais justa onde impera o respeito pela diversidade e pelos Direitos Humanos. Surgiu do compromisso claro do nosso Agrupamento com a Inclusão e com o Perfil dos Alunos para o Século XXI, traduzindo a necessidade de encontrar estratégias para lidar com a diversidade e atenuar as barreiras à inclusão, através da mobilização dos meios de que dispõe para que todos aprendam e participem na vida da comunidade educativa. Foi implementado pela docente de Educação Especial em interdisciplinaridade com as res-



tantes disciplinas do 6ºano, Biblioteca Escolar e Pré-escolar da EB da Cordinha, envolvendo, de igual modo, os utentes do Centro Social e Paroquial do Ervedal da Beira, fomentando, desta forma, a partilha de experiências e o enriquecimento de diferentes grupos etários.

O impacto deste Projeto foi francamente positivo e decisivo na mudança de comportamentos e atitudes nos alunos, espelhado no seu envolvimento nas atividades propostas, com resultados significativos no desenvolvimento socioemocional, principalmente no domínio da consciência social (tomada de perspetiva, empatia com os outros, reconhecimento e apreço pelas diferenças e semelhanças) e espírito de Inclusão. De salientar, também, o empenho e dedicação dos docentes participantes neste Projeto Colaborativo, com os quais foi possí-



vel estabelecer uma relação de partilha e de equipa.

Na apresentação final do Projeto na EB da Cordinha, os pais e Encarregados de Educação dos alunos envolvidos puderam contemplar a exposição dos trabalhos realizados ao longo do ano, viver a magia da representação de determinados valores numa peça de teatro e sentir a emoção das palavras e do movimento em momentos de música e dança. Este foi, sem dúvida, mais uma sessão de enriquecimento intergeracional entre diferentes ciclos, envolvendo a comunidade na construção de uma escola inclusiva e de uma sociedade mais justa.

A Coordenadora do Projeto: Ana Catarina Marques

## CAMPEONATO NACIONAL DE JOGOS MATEMÁTICOS



A Associação Ludus, a Associação de Professores de Matemática, a Sociedade Portuguesa de Matemática e a Ciência Viva promovem anualmente, desde 2004, o Campeonato Nacional de Jogos Matemáticos. Este ano letivo decorreu a 17ª edição e a final teve lugar na Universidade de Aveiro no dia 14 de Março, Dia do Pi e Dia Internacional da Matemática.



Participaram cerca de 1800 alunos de várias escolas de Portugal Continental e das Ilhas dos Açores e da Madeira. O nosso Agrupamento fez-se representar com trinta alunos das diversas escolas do AEOH, do 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário.

Previamente, realizou-se a seleção dos alunos que foram representar o AEOH, um aluno por jogo e por nível de ensino, em cada escola. Os alunos vencedores foram os representantes na fase final do Campeonato Nacional de Jogos Matemáticos e competiram de uma forma exemplar com alunos oriundos de todas as escolas do país.



O aluno Rafael Cruz, do 8.º F alcançou o 9.º lugar, num total de 156 alunos, a participar no jogo Atari Go do 3.º Ciclo.

Os alunos ainda tiveram a oportunidade e o privilégio de Visitar a Universidade de Aveiro e participar em atividades alusivas ao Dia do Pi e Dia Internacional da Matemática.

Muitos parabéns a todos os alunos do AEOH pelo seu envolvimento e participação neste Campeonato e para o ano lá estaremos, novamente, a marcar a nossa presença!

Ana Mendonça, Ana Paula Pestana, António Martins, Arlete Costa e Sandra Dinis



## Bélgica



No AEOH a tradição cumpre-se. O nosso Agrupamento de Escolas voltou a Mol, na Bélgica, para cumprir mais um projeto EXCHANGE com a ROZENBERG SCHOOL, entre os dias 10 e 17 de março de 2024.

Neste ano letivo, o grupo era constituído por 14 alunos portugueses dos 11.º e 12.º anos. A receção foi gratificante para todos. A ansiedade, expectativa e emoção estiveram bem patentes nos rostos dos jovens e das famílias que os esperavam na Rozenberg School – Mol. Apesar do tempo incerto, a sessão de boas vindas foi feita com um acolhimento caloroso e saboroso, pois não faltaram os tradicionais doces belgas. A semana decorreu neste bom ambiente de hospitalidade e repleto de atividades que permitiram que os alunos se conhecessem e estreitassem relações. Conheceram-se hábitos, tradições, músicas, partilharam-se práticas escolares e pedagógicas e desenvolveu-se a autonomia e a capacidade linguística pelo uso da língua inglesa como meio de comunicação. Visitámos algumas cidades como Bruxelas,

Leuven e Antuérpia e os monumentos e museus emblemáticos destas cidades, como o Parlamentarium, no Parlamento Europeu, o Atomium, e o Museu de África (em Tervuren). Todos tivemos, ainda, oportunidade de praticar alguns desportos no Silverlake. Esta breve descrição serve para dar testemunho à nossa comunidade escolar e educativa da importância destes projetos que tão bem enriquecem os nossos alunos. Permite-lhes ter acesso a outras culturas, outros hábitos, promovendo a sua autonomia, responsabilidade e abrindo-lhes horizontes para o futuro, fazendo-os reconhecer, simultaneamente, a importância do domínio de uma língua estrangeira.

Sónia Seco e Teresa Batista  
Clube Europeu

## Parlamento do Jovens



No dia vinte e dois de janeiro teve lugar a sessão escolar do Parlamento dos Jovens – Secundário, subordinada ao tema “Viver Abril na Educação: caminhos para uma escola plural e participativa”.

Nesta sessão, depois de debatido o tema, fo-

ram eleitos pelos seus pares, os jovens deputados, do 10º ano, Gonçalo Xia e Marta Dias, como efetivos, e Laura Abrantes como suplente. Estes alunos foram representar o Agrupamento na sessão distrital, que teve lugar em Coimbra, no dia quatro de março, no auditório

do Instituto Português da Juventude e Desporto. A sessão foi muito animada e participada, tendo os nossos jovens deputados desempenhado o seu papel de uma forma empenhada e interessada.

Também no dia vinte e dois de janeiro, e com o mesmo tema, teve lugar a sessão escolar do PJ-Básico, na escola sede, tendo sido eleitas as alunas Elvira Santos, da Escola Básica da Cordinha e Diana Coimbra, da Escola Básica da Ponte das Três Entradas, como efetivas e Carlota Lagos, da Escola Básica nº 2 de OH, como suplente.

As jovens deputadas efetivas também representaram empenhadamente o Agrupamento na sessão distrital, que teve lugar em Miranda do Corvo, no dia 5 de março.

O Clube Europeu congratula-se com a participação destes alunos numa atividade que tanto contribui para a sua formação como cidadãos.

Luísa Azedo, Ana Mendonça e Fátima Couceiro

## Intercâmbio

### Dabrowa Górnicza - Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital



Entre os dias 17 e 24 de março de 2024, os alunos do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital rumaram à Polónia para cumprir a segunda fase do projeto de intercâmbio com a escola de Dabrowa Górnicza.

Foram vários os momentos marcantes vividos pelos alunos durante esta semana, iniciando-se, desde logo, pela receção efetuada pelo presidente do município, Marcin Bazylak. Tivemos oportunidade de visitar as instalações da Câmara, nomeadamente ver “in loco” as salas tipo “bunkers”, preparadas para receber civis



em caso de guerra. Os alunos tiveram uma agenda recheada de experiências enriquecedoras, quer do ponto de vista pedagógico, quer do ponto de vista cultural e lúdico. Como forma

de experienciar a atividade económica que marcou esta região da Silésia, visitaram as minas de carvão em Katowice. Para se apropriarem da riqueza paisagística e cultural da região, visitaram o icónico castelo de Ogrodzieniec e o deserto de Bledowska. Um fenómeno natural que marca a paisagem da Polónia.

No entanto, a visita mais marcante foi a Auschwitz – Birkenau, um momento que documentou um período da história que nos envergonha pela brutalidade das consequências da segunda Guerra Mundial. Uma realidade que saltou dos manuais de história para os olhos dos nossos alunos e fez saltar também a emoção. E esse lugar só faz sentido, como refere o memorial, para que “jamais seja esquecido pela humanidade como um grito de desespero e um aviso”. E, no contexto atual, em que observamos novamente uma guerra na Europa, esta mensagem faz mais sentido do que nunca. Em Dabrowa, houve a oportunidade de participar na comemoração do aniversário da escola. O grupo também realizou várias atividades na escola de artes MOPT ([www.mopt.pl](http://www.mopt.pl)). Foi uma manhã em que os alunos puderam desenvolver a sua criatividade, com artistas espetaculares,



e eles próprios criarem as suas peças de arte. A semana terminou com o tradicional convívio com os pais dos alunos polacos, a quem agradecemos o tradicional barbecue. Foi um fantástico momento de partilha de sabores e tradições do folclore polaco e português. Não cabem neste pequeno texto todas as experiências vividas nesta semana. Muito mais haveria para contar. São estas experiências que dão sentido aos

projetos de Intercâmbio. Os alunos integram as atividades pedagógicas e culturais, vivenciando o dia-a-dia de outras realidades educativas e pedagógicas. Sem dúvida, momento interessantes, imersivos e divertidos. Fica o convite aos restantes alunos para não terem receio de se envolver neste tipo de projetos que tanto vos enriquece. A língua não representa uma barreira, mas uma oportunidade de crescerem linguisticamente e culturalmente.

Participem! Neste encerramento de ano letivo aproveitamos para agradecer a todos os que contribuem para o sucesso dos intercâmbios escolares e os assumem como prioridade escolar: direção, câmara municipal, docentes, não docentes e entidades externas.

Ana Mendonça, Sandra Fidalgo,  
Clube Europeu

## “Aprender a Europa nas Escolas”



Ainda no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de abril, o Agrupamento acolheu, no dia 3 de maio, uma comunicação intitulada “Europa, eleições e populismo”, levada a cabo pelo Núcleo Associativo para os Estudos Europeus em Coimbra.



Foram organizadas duas sessões, uma para alunos do 9º ano e outra para os do Secundário, qualquer delas muito concorrida e participada. Nelas refletiu-se sobre a União Europeia, o seu significado, as suas políticas, o populismo e a importância do voto. O Clube Europeu participou desta organização conjunta – Associação de Estudantes do AEOH e comissão das comemorações do 25 de abril na pessoa do professor Luís Torgal.

Da parte do Clube houve diversos contributos: a criação de uma assembleia de voto e a simulação de um ato eleitoral bem como a explanação da aplicação do método de Hondt às eleições nacionais, pela professora Isabel Guilherme.

Patente esteve ainda uma exposição de cartazes



de apelo ao voto dos jovens nas eleições europeias, subordinada ao tema definido pela Rede Nacional de Clubes Europeus, “Eleições Europeias – uma voz jovem na Europa”, elaborados pelos alunos da turma de Artes do 11º ano, sob orientação do professor Vasco Sá. Os referidos cartazes foram sujeitos à votação da comunidade educativa, de modo a reproduzir alguns deles em formatos mais apelativos. Os cartazes escolhidos foram posteriormente enviados ao Município, a fim de serem exibidos nos ecrãs urbanos de informação e a um bar muito frequentado por jovens.

Fátima Couceiro, Luísa Azedo e Ana Mendonça

## Dia da Europa



No dia 9 de maio, o Clube Europeu festejou os valores europeus em boa companhia: a comunidade educativa da escola sede.



Foi nesse dia inaugurado um mural que congrega, em diversas línguas, os valores que norteiam todo o cidadão que acredita no Proje-

to Europeu. Congratulamo-nos com mais esta criação do professor Manuel Machado.

A participação de alguns alunos enriqueceu enormemente o evento. Deles, ouvimos o “Hino da Alegria”, tocado pela Carolina e pelo Christian e cantado pela Madalena, mas também poemas e reflexões sobre a Europa lidos por um grupo de alunas do 12º ano: Daniela Guímaro, Matilde Santos, Mafalda Correia, Matilde Martins e Beatriz Pato.

Uma celebração da Europa em que acreditamos, singela, mas muito significativa.

Fátima Couceiro, Luísa Azedo e Ana Mendonça

## O Clube Eco Escolas da Escola Básica da Cordinha

O Clube Eco Escolas da Escola Básica da Cordinha, ao longo do ano letivo 2023/2024, desenvolveu atividades muito diversificadas, propondo sempre a participação ativa e colaborativa dos alunos, envolvendo-os nas tomadas de decisão com o objetivo de tornar a nossa escola mais amiga do ambiente. O Clube traçou como principais objetivos mo-

tivar para uma mudança de atitudes/comportamentos mais sustentáveis alicerçados em valores e em boas práticas para preservar o ambiente, privilegiando a política dos 3 R's — Reduzir, Reciclar e Reutilizar, que são considerados os pilares do consumo sustentável. Estes objetivos foram sendo alcançados com a implementação de várias ações que se con-

cretizaram com a colaboração da comunidade, com parceiros externos como a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital; CERVAS; Comandamento Territorial da Lousã, a Academia Ponto Verde e ainda com a colaboração das disciplinas de EV/ET/CN e o CATL da Cordinha.

Na reta final de mais um ano, o Clube Eco Escolas sente que cumpriu a sua missão... a valo-

rização de boas práticas...

Por fim, uma palavra de agradecimento aos alunos que percorreram este caminho com empenho, criatividade e que vão disseminando as boas práticas que irão contribuir como soluções que podem desencadear grandes ações que transformarão o mundo.

Acreditamos que ao vivenciar a gestão e reutilização de resíduos, os alunos aprendem esses princípios em ação. E isso, sem dúvida, molda uma mentalidade consciente e incute valores fundamentais para uma geração futura, comprometida com um mundo sustentável.

A Coordenadora do Clube Eco Escolas da Cordinha: Cristina Nunes



## Desporto Escolar

### Badminton no AEOH – Clube do Desporto Escolar

O Badminton do AEOH está de parabéns! Movimentámos, ao longo do ano, 40 alunos, em mais de 90 unidades de treinos.

Participámos em vários momentos competitivos: duas vezes em Tábua, três vezes na Cordinha e apurámos alunos para três Campeonatos Distritais: Infantis (Coimbra), Iniciados (Paião) e Juvenis (Vila Nova de Poiares).

Destacamos os bons resultados alcançados

nos Campeonatos Distritais, com o quarto lugar do Infantil A, Afonso Gouveia, os quintos lugares da Juvenil, Leonor Costa, da Iniciada, Inês Santos Costa e do sexto lugar, da Iniciada Carolina Martins, na variante de pares, com a colega Inês. A Infantil, Luana Nunes, por lesão, não pode participar no Campeonato Distrital. Ao nível da Arbitragem estivemos bem representados pela Juvenil, Márcia Duarte.

Tornamos a destacar a melhoria da qualidade do desempenho dos nossos atletas, fruto do seu empenho nos treinos, e expectamos que nos próximos anos letivos essa qualidade venha a melhorar e a traduzir-se no aumento do número de alunos apurados para os Campeonatos Distritais, com a ambição de chegar aos Campeonatos Regionais.

Queremos realçar, novamente, o ambiente competitivo saudável existente entre todos, com os alunos a revelarem, quer em treino, quer em provas, muita entrega, esforço e superação, sempre com elevado espírito desportivo. No próximo ano letivo, esperamos ter ainda mais alunos a praticar Badminton connosco. Apareçam!

Professor Responsável pelo Grupo Equipa de Badminton:  
Paulo Silva



### Mega Sprinter



Nos passados dias 19 e 20 de abril, realizou-se o XVIII Mega Sprinter Nacional no Complexo Desportivo de Lousada. O aluno Samuel Amaro, do 8ºE, esteve presente a representar a Escola Secundária de Oliveira do Hospital, alcançando as seguintes classificações: 7º lugar na Prova de Velocidade de 40 metros, 2º lugar na Corrida de Estafetas e Campeão Nacional - 1º lugar no Salto em Comprimento.

Dora Guerreiro

### Natação na AEOH – Clube do Desporto Escolar



A Natação da AEOH está de parabéns! Movimentámos, ao longo do ano, 60 alunos, em mais de 90 unidades de treino. Participámos em cinco momentos competitivos: três em Arganil, (janeiro, fevereiro e março) e nos Campeonatos Distritais de Iniciados/Juvenis (Penacova) e Infantis (Montemor-o-Velho).

Destacamos os ótimos resultados alcançados nos Campeonatos Distritais, em provas individuais, com o Enzo Santos a ser Campeão Distrital em 25m livres e 25m costas; a Mariana Moura a obter o terceiro lugar em 25m costas; a Diana Diniz a obter o 3º lugar em 50m bruços e o 5º lugar em 50m livres.



Em provas de Estafetas também alcançámos resultados estupendos: Carol Pereira, Lara Simões, Xana Jorge e Dalila Fernandes foram Campeãs Distritais de Estafetas 4x25m Livres Feminino; Alexandra Correia, Xana Jorge, Enzo Santos e Guilherme Nascimento foram Vice-Campeões Distritais em Estafetas 4x25m

Livres Misto; e Gonçalo Mota, Tiago Lopes, Marlene Garcia e Mariana Moura, Terceiro em Estafetas 4x25m Livres Misto. Gostaríamos de salientar a atitude demonstrada por todos os alunos, ao longo dos treinos e nas competições, revelando bastante empenho, muita superação e excelente espírito

desportivo.

No próximo ano letivo, esperamos ter ainda mais alunos a praticar Natação connosco. Apareçam!

Professor Responsável pelo Grupo Equipa de Natação: Paulo Silva

## Desporto Escolar 2023/24 - Atletismo



No passado dia 15 de maio, o grupo equipa de atletismo do escalão infantis participou no Campeonato Distrital de Atletismo, em Fobres, demonstrando um bom empenho e dedicação nas provas realizadas. Estiveram presentes no evento, a representar a Escola Secundária de Oliveira do Hospital os atletas: Christyn Herrera 5ºD, Beatriz Figueiredo, Matilde Paiva, Leonor Nina, do 6ºE, Ana Sofia Correia, Juliana Rodrigues, do 7ºB, e Francisco Amaro 7ºE. Como árbitros acompanhantes estiveram as alunas Andreia Santos, Beatriz Borges e Lara Costa, todas do 9ºD. Como treinadora-adjunta também nos acompanhou a aluna Leonor Fernandes, do 8ºB.

## Atletismo – Salto em Altura



No Campeonato Regional de Atletismo, realizado no dia 30 de abril, na Marinha Grande, o aluno Simão Tavares, do escalão Juvenil do Grupo Equipa de Atletismo, ficou apurado no Salto em Altura. Tal feito garantiu-lhe a presença no Campeonato Nacional de Atletismo que se realizou em Portimão/Lagoa, nos dias 23, 24, 25 e 26 de maio.

Dora Guerreiro

## Biblioteca Escolar

## Comemorações dos 50 anos do 25 de abril



Para celebrar os 25 anos do 25 de abril foram organizadas diversas exposições, no pavilhão G da escola sede, elaborados na disciplina de Educação Visual, pelas turmas do 2º ciclo.

Foram expostos os cartazes sobre a mesma temática realizados para o concurso do agrupamento, na Escola Sede e na Escola da Ponte das Três Entradas.

Na Escola da Ponte das Três Entradas, na biblioteca, entre os dias 11 e 31 de abril, juntamente com os cartazes do 25 de abril, elaborados pela turma 6ºJ, foram também expostas as pombas de abril articuladas, realizadas em



Educação Tecnológica.

Posteriormente, entre os dias 7 a 21 de maio foi exposta na biblioteca da Escola da Ponte das Três Entradas, o painel coletivo sobre o 25 de abril, cuja temática era "Liberdade é...", elaborado pelos alunos do 2º ciclo e com a participação da comunidade escolar (professores, alunos, assistentes operacionais, e encarregados de educação). Todos foram convidados a participar nesta comemoração especial, com a decoração de um quadrado com uma ilustração ou texto ou ambas sobre o significado da liberdade e que depois resultou num único



painel.

No mesmo período foi elaborada a exposição "Rostos de Abril", realizados em Educação Visual pelos alunos do 5ºI com a ilustração de rostos que estiveram relacionados com a revolução dos cravos, nomeadamente os militares das forças armadas (Salgueiro Maia, Otelo de Saraiva e Vasco Lourenço), os cantores das senhas da revolução (Zeca Afonso e Paulo de Carvalho), políticos (Salazar, Marcelo Caetano) e a Dona Celeste Cairo, a mulher que deu os cravos aos militares no dia 25 de abril 1974.

Marta Neto, professora de EV



## EXPOSIÇÃO “LIVROS PROIBIDOS/CENSURADOS NO ESTADO NOVO”



No âmbito das comemorações dos 50 anos da “revolução dos cravos”, esteve patente, na Biblioteca Prof. Dr. Pina Martins / Escola Básica da Ponte das Três Entradas, uma mostra de obras literárias censuradas no/pelo Estado Novo português (1933-1974), acompanhadas pelo respetivo relatório a justificar as razões da

proibição de impressão e leitura. Neste período da história nacional, dominado pela trilogia “Deus, Pátria e Família” e pelas figuras de Oliveira Salazar e Marcello Caetano, não havia liberdade de pensamento e expressão. As publicações periódicas (jornais, revistas, ...), peças de teatro, programas tele-

visivos, filmes e livros eram objeto de apertada examinação e controlo por parte da Direção dos Serviços de Censura. O objetivo era claro: impedir os leitores de tomarem contacto com ideias consideradas “inconvenientes” ou “perigosas”, pois, segundo o regime autoritário, transmitiam pensamentos e práticas “revolucionárias”, “condutas imorais”, “capazes da perversão da opinião pública” ou se conotarem com o “vermelho” comunista. Acredita-se que, cerca de 10 mil obras de autores portugueses e estrangeiros tenham sido sujeitas à leitura e proibição por parte dos censores, sendo os seus autores alvo de vigilância e perseguição pela polícia política (PIDE/DGS).

Biblioteca Escolar Prof. Dr. Pina Martins / EB Ponte das Três Entradas

## AEOH em Ação

### Pequenos artistas de Lourosa



A escola básica de Lourosa está a desenvolver, ao longo do terceiro período letivo, no âmbito das AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular), a pintura de dois murais na entrada da escola. Este projeto, designado por “Pequenos Artistas”, conta com o apoio de toda a comunidade escolar e da Junta de Freguesia de Lourosa, que ofereceu os materiais necessários

para a execução do mesmo. Todos alunos têm demonstrado um forte interesse na execução do projeto, aplicando toda a sua criatividade. Os murais encontram-se em fase final de execução, estando prevista a apresentação ao público no fim do corrente mês de Junho..

Cátia Lopes, mentora AEC

### ARRAIAL NA PONTE



No dia 14 de junho de 2024, realizou-se o “Arraial na Ponte” na Escola Básica da Ponte das Três Entradas. Foi uma Festa de confraternização entre alunos, famílias, professores, assistentes operacionais e aberta à Comunidade Educativa.

Todos os alunos envolvidos tiveram oportunidade de partilhar com os presentes, com esmero e dedicação, o que aprenderam ao longo do ano letivo. Um bem haja às famílias que participaram no evento!

Educadora Paula Martins

## Visita de Estudo ao CISE e ao CERVAS



No dia 11 de junho de 2024, os alunos do 5º Ano da Escola Básica 2,3 de Oliveira do Hospital realizaram uma visita de estudo ao CISE

(Centro de Interpretação da Serra da Estrela) e ao CERVAS (Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens). Como eramos muitos alunos, tivemos de nos dividir em três autocarros. Fomos acompanhados pelas professoras de Ciências Naturais, Diretores de Turma e outros professores.

Na parte da manhã, fomos visitar o CISE. Aprendemos diversas coisas: que a Serra da Estrela se formou a partir de um glaciar e quais as espécies de habitats e animais que existem na Serra. Estivemos em salas, onde falámos de constelações e planetas e fizemos uma viagem virtual à Serra da Estrela. Por último, o guia António Rodrigues, levou-nos ao jardim, que fica ao lado da horta Biológica, e pudemos cheirar as diferentes plantas aromáticas, o que achámos muito interessante.

De seguida, fomos almoçar ao Parque da Senhora dos Verdes, onde também nos divertimos.

Da parte da tarde, visitámos o CERVAS. Falámos sobre as principais causas que levam esta instituição a receber os animais, obser-

vámos as corujas-do-mato que lá estavam a serem tratadas, falámos de vários animais selvagens e tocámos num ouriço-cacheiro embalado.

Alunos do 5º A, B e C

### Testemunhos da visita:

“Gostei muito desta visita!” – Francisca Neves

“Foi uma visita de estudo muito divertida e interessante. Conseguimos aprender muito sobre a Serra da Estrela e percebemos que no CERVAS os animais são muito bem tratados e acolhidos.”

– Guilherme Oliveira

“Regressámos felizes e com mais conhecimento.” – Oriana Gonçalves

“Estes alunos agradecem aos professores que organizaram a visita pois aprenderam e divertiram-se muito.” – Maria Vieira

“A viagem foi muito boa e incrível.” – Matilde Cruz

“Foi um dia bem passado.” – Rúben Marques

“Esta visita foi muito interessante.” – Tomás Almeida

“A viagem foi divertida e aprendi muito.” – Mariana Miranda

## Comunicações e debates na AEOH alertaram para o dever cívico de conhecer o projeto europeu e de votar por uma Europa democrática, social e solidária



O projeto evocativo dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH cumpriu mais uma iniciativa. As licenciadas e mestrandas em Estudos Europeus pela FLUC, Catarina Lopes, Carolina Menéres e Alicia Feras, realizaram duas comunicações dinâmicas e interativas na escola, no dia 3 de maio. A sessão da manhã versou sobre a «História da União Europeia» e foi destinada aos alunos do 9.º ano. A sessão da tarde versou sobre o tema «Europa, eleições e populismo» e foi dedicada aos alunos do secundário.

A iniciativa foi organizada pela aluna Mafalda Correia (da Associação de Estudantes), teve a colaboração dos professores Lúcia Torgal (coordenadora da Cidadania e Desenvolvimento), Luís Torgal (coordenador do projeto 50 anos de 25 de Abril no AEOH), Fátima Couceiro,



Luísa Azedo e Ana Isabel Mendonça (Clube Europeu). A sessão da tarde beneficiou ainda da colaboração especial da professora de Matemática e MACS, Isabel Guilherme, que explicou aos alunos o método de Hondt, modelo matemático usado nas eleições para o Parlamento Europeu (e nas eleições legislativas e autárquicas portuguesas).

As duas sessões tiveram uma vastíssima assistência de alunos dos níveis básico e secundário e também de muitos professores. Pretenderam esclarecer os alunos sobre a história complexa, controversa, mas também visionária e sempre inacabada da construção da União Europeia (UE). Elucidaram o teor de alguns tratados, elencaram as instituições europeias e explicaram as suas funções. Apelaram para a



necessidade dos alunos conhecerem e debaterem estas temáticas e pretenderam motivá-los para votarem e participarem no aprofundamento do projeto europeu.

Os organizadores fizeram uma avaliação muito positiva das duas sessões, tendo concluído que o evento contribuiu para melhorar a literacia europeia dos alunos, esclarecendo-os sobre a orgânica e dinâmica da UE, bem como do seu processo eleitoral.

O AEOH agradece às três convidadas, por terem apresentado comunicações tão interessantes, e salienta, uma vez mais, a importância cívica do voto em todas as eleições.

Mafalda Correia e Luís Filipe Torgal

## ‘Água’

No âmbito da disciplina de Desenho A, os alunos do curso de artes (12ºC, alunos finalistas das artes), apresentam trabalhos relativos ao tema ‘Água’. Uma exposição onde podemos abraçar diferentes técnicas e motivos inspira-

cionais, ao redor do elemento água. Cada obra versa sobre um detalhe, uma circunstância, um perímetro subliminal.

Habitats que medeiam entre o espaço urbano e o abstrato profundo, numa dinâmica que an-

tecipa os acontecimentos mundanos, inerentes à própria evolução subentendida. Uma singular dicotomia, que permite extrair, através da expressão plástica do desenho, momentos de verdadeira beleza, onde o desenho apropria e



congela no tempo, qual 'frame', momentos quase que sucedâneos de si mesmo. Numa procura pelo virtuosismo do estado puro das coisas e o congelar permanente de uma imagem, de uma ideia e de um conceito sobre 'Água', como soma equitativa entre a venustidade das coisas, as emoções e as memórias. (...)"

(Desenho: Ensaio, Vasco J. C. De Sá, 2024)



## Dia Mundial do Ambiente



Este ano letivo, o projeto anual do departamento de educação pré-escolar teve como tema "O Mundo é a Nossa Casa".

Nesse sentido foram desenvolvidas algumas experiências de aprendizagem que permitiram sensibilizar as crianças para os problemas ambientais que estão a ocorrer, cada vez com mais regularidade, de modo que elas tomem consciência desses problemas e possam começar a agir, não só para prevenir, mas também para intervirem junto dos familiares. Apesar de ser um tema que deverá continuar a ser



abordado, o projeto terminou em festa, a qual foi relatada pelas crianças.

"No dia 5 de junho foi o Dia Mundial do Ambiente.

De manhã fomos a Oliveira do Hospital caminhar pelas ruas com as crianças e adultos de outras escolas (Jardins de Infância das IPSS e do AEOH).

Deram-nos uma pulseira verde com o nome da caminhada "Move-te pelo Ambiente" (organizada pelo Jardim de Infância da Fundação Aurélio

Amaro Dinis), levávamos cartazes com mensagens para dizer às pessoas e às crianças para cuidarem do planeta Terra porque ele está doente e nós também vamos ficar doentes.

No desfile cantámos e gritámos "SALVEM O PLANETA"!

O desfile começou no Parque do Mandanelho e acabou no Parque dos Marmelos. Aqui fizemos uma roda e cantámos a canção "Temos de Cuidar da Natureza.

À tarde fomos com os alunos do 1.º ciclo da nossa escola de Bobadela apanhar, em algumas ruas, o lixo que as pessoas deitam para o chão. Cada criança levava um cartaz com uma mensagem a pedir às pessoas para cuidarem e salvarem o Planeta Terra.

Quando passava um carro parávamos e todos mostravam os cartazes. As pessoas levantavam a mão, talvez a dizer adeus e/ou a agradecer. Levámos luvas e sacos para pôr o lixo. Encontrámos muito: garrafas de iogurte, caixas de cigarros, muitas pontas de cigarros, balões rebentados, guardanapos de papel, parafusos, palhinhas de plástico, papéis de embrulhar rebuçados, embalagens de pacotes de bolachas, tapete.

Tivemos esta atitude porque sempre que saímos da escola, encontramos muito lixo no chão."

As pessoas não são Amigas do Ambiente. Os cartazes tinham a imagem do Planeta Terra e da nossa mão porque O MUNDO ESTÁ NAS NOSSAS MÃOS

Educadora e Crianças Jardim de Infância de Bobadela

## Comemorações do dia internacional do brincar e dia mundial da criança #Crianças a serem crianças!



No dia 28 de maio, comemorou-se o dia internacional do brincar e no dia 1 de junho o dia mundial da criança.

Segundo o artigo 31º da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas e o princípio do artigo 7º do documento sobre dos Direitos da Criança, segundo o Ministério Públi-



co de Portugal, a criança tem o direito de brincar e as brincadeiras são fundamentais para o seu bem-estar, saúde e desenvolvimento. Assim, o 5ºI convidou toda a comunidade escolar, em especial os alunos do 1º ciclo, para no dia 28 de maio, pelas 13:30h, estarem presentes nesta celebração, com a "corrida de valores"

com carros feitos em cartão, elaborados pelos alunos na disciplina de Educação Tecnológica. Estes carros tinham incorporados os principais valores que o 25 de abril trouxe para Portugal (direitos, liberdade, respeito e democracia) e, em muito especial, às crianças. Que todas, mesmo todas, possam usufruir de educação grátis, consigam completar os seus estudos, ter a liberdade de brincar como e com quem quiserem, independentemente da cultura, do estatuto social e da sua condição física ou psicológica, de serem simplesmente elas próprias! Esta atividade teve tanto sucesso, que foi repetido no último dia de aulas, 14 de junho, para comemorar o encerramento do ano letivo.

Marta Neto, professora de Educação Visual



## A CONSTRUIR AFETOS FAZEMOS A DIFERENÇA



A escola é um espaço focalizado nas aprendizagens académicas, onde o conhecimento assume capital importância. Contudo, tem como dever a formação integral dos discentes, de modo a que estes sejam capazes de se assumirem, na sociedade, como cidadãos ativos, autónomos, responsáveis, solidários e com espírito crítico. Partindo desta perspetiva, houve a preocupação por parte das docentes Fátima Marques e Helena Sousa, que integram o Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA) – EB Ponte das Três Entradas, em transpor algumas linhas orientadoras, inerentes ao Projeto Educativo do AEOH, no sentido de se desenvolver, junto dos alunos, um conjunto de princípios/



ações que, efetivamente, garantam o cumprimento de direitos e obrigações, tendo como prioridade a importância do bem-estar comum. Por conseguinte, considera-se relevante traçar um caminho que desperte as crianças e jovens para uma verdadeira consciencialização, no que toca à manutenção da coesão social, com base nas diretivas de entidades do estado e demais instituições. Importa, pois, ganhar consciência da realidade circundante, abraçando os diferentes contextos de vida, assumindo uma atitude pró-ativa, como garante de uma sociedade mais justa e inclusiva. Deste modo, acompanhámos os alunos, no decurso do presente ano letivo, no desenvolvimento de diversas atividades, no sentido de colmatar algumas fragilidades. Registe-se, portanto, as atividades dinamizadas:



- Dia Internacional das Pessoas com Deficiência em articulação com os Jardins de Infância de Lourosa, Alvoco e Penalva de Alva;
- Construção da Árvore dos Afetos, a assinalar o Dia de São Valentim;
- O Girassol dos Afetos, dentro do AEOH a Florir;
- Participação com várias atividades no âmbito das comemorações do Cinquentenário do 25 de Abril de 1974;
- Comemoração do Dia Internacional do Brincar e Dia Mundial da Criança;
- Encontros intergeracionais.

As docentes: Helena Sousa e Fátima Marques  
(EB Ponte das Três Entradas)

## Festa da Criança



"No dia 3 de junho fomos à Festa da Criança, no Parque do Mandanelho, em Oliveira do Hospital, porque o dia 1 de junho foi um dia importante: o Dia da Criança.

Fomos brincar: jogar jogos tradicionais, basquetebol, parafóqui, andar de skate e de bicicleta, saltar nos insufláveis, dançar músicas do Panda e pintar as nossas caras.

Na zona da Biblioteca falámos do 25 de abril e ouvimos ler o poema "25 de abril" de Luísa

Ducla Soares. Comemos pipocas, maçã e deram-nos balões com formas diferentes. No final fizemos uma corrida e alguém atirava, para cima do nosso corpo, farinha colorida.

Nós gostámos muito da Festa da Criança, mas as atividades preferidas foram andar de bicicleta e a corrida "Colour Run". Foi uma tarde muito divertida!"

Educadora e Crianças Jardim de Infância de Bobadela

## GARIMPEIROS DE PRECIOSIDADES

O projeto "GARIMPEIROS DE PRECIOSIDADES" foi desenvolvido pela mentora Rafaela Azevedo de Souza junto com as crianças da Escola Básica do Seixo da Beira (turmas A e B) do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital. Este trabalho correu no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular e do Programa PEQUENOS EXPLORADORES.

A planificação teve como principais objetivos: enriquecer as experiências das crianças acerca do mundo natural que as rodeia; ampliar o repertório linguístico, imaginativo e criativo; desenvolver a atenção, curiosidade e paciência;

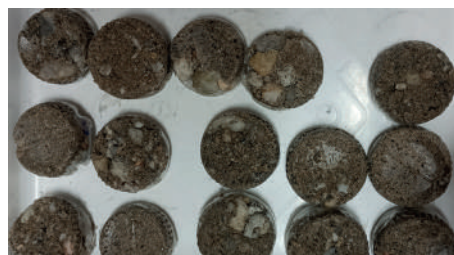
promover vivências em que as crianças possam experienciar situações novas e divertidas; promover a cooperatividade e o respeito pela diferença; possibilitar o diálogo e a aquisição de novos conhecimentos.

As aulas do terceiro período foram repletas de descobertas e muitas aprendizagens, realizámos atividades lúdicas e criativas sobre o mundo natural que nos rodeia. As principais propostas de atividades foram: A) Construção de casas para pássaros com materiais reciclados, B) Confecção de pedra caseira, C) Experiência da flor colorida, D) Experiência da erupção do

vulcão, E) Experiências com água, e F) Experiências com balões. O último período do ano letivo também contou com uma visita surpreendente, com a convidada Gabriela Azevedo de Souza, Engenheira e Especialista em Perícia e Auditoria Ambiental, no qual foi realizado com as crianças uma atividade (palestra) referente ao Meio Ambiente.

Vivenciar o projeto GARIMPEIROS DE PRECIOSIDADES, foi marcado por experiências significativas, prazerosas e muito divertidas.

Rafaela Azevedo de Souza, Mentora AEC





# Solve the crossword puzzle:

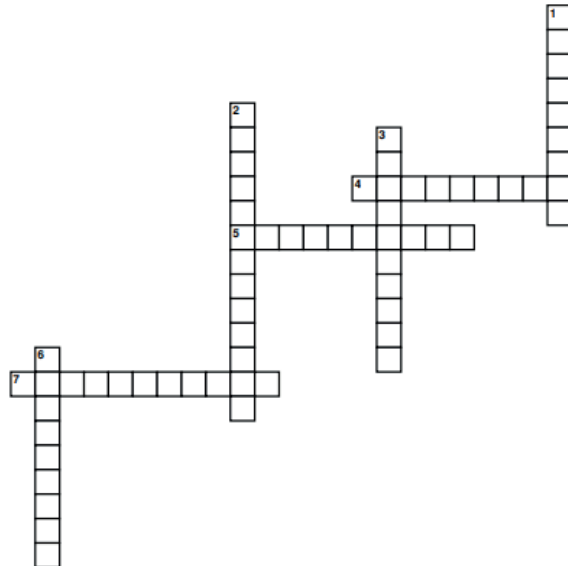
## The environment

**Across**

- [4] It can affect air, water, and soil quality.
- [5] A term used to describe species that are at risk of extinction.
- [7] The act of causing significant damage or ruin to something.

**Down**

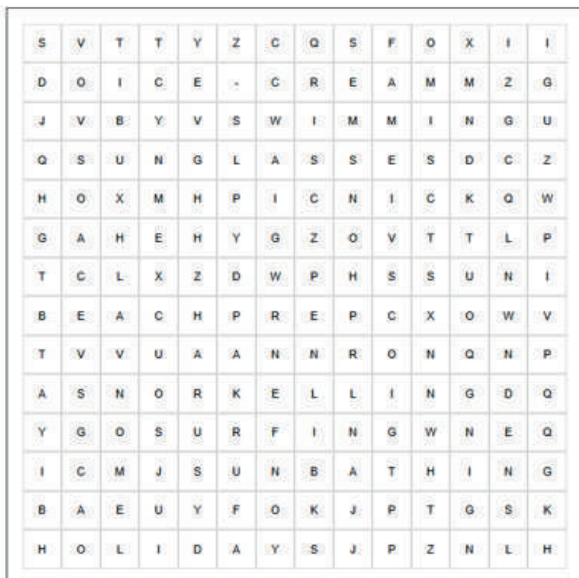
- [1] The process of converting waste materials into new, reusable products.
- [2] the process of clearing forests, often to make way for agriculture or urban development.
- [3] Efforts to preserve natural ecosystems and biodiversity.
- [6] An alternative to non-renewable resources like fossil fuels.



# SUMMERTIME

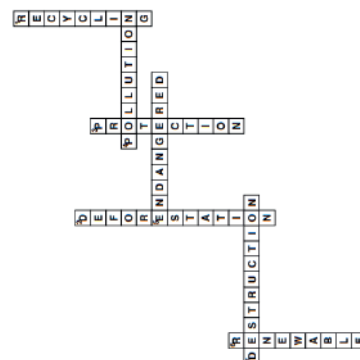
Find 10 words related to the topic "Summertime".

### Summertime



**Solution**

Soluções:

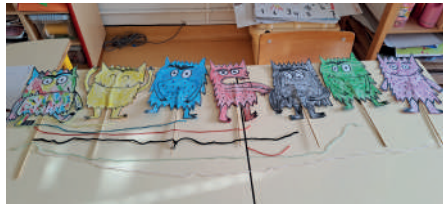


- holidays
- picnic
- sun
- sunlasses
- swimming
- beach
- ice-cream
- snorkeling
- sunbathing
- surfing

## Emoções...

Foram inúmeras as atividades que realizámos no nosso Jardim de Infância, ao longo do ano letivo, e todas contribuíram para o crescimento e desenvolvimento global das crianças. Uma das atividades explorada foi relacionada com as Emoções, que estão sempre presentes no nosso dia a dia. As crianças nem sempre conseguem identificar ou exteriorizar o que sentem.

Explorámos a história do "Monstro das cores". Foi um tema que suscitou muito interesse e assim foi possível explicar as emoções às crianças, através das cores. Explorámos os sentidos e as emoções para que cada criança conseguisse identificar as diferentes formas de sentir. Construímos os diversos personagens e



cada criança assumiu um dos sentimentos neles representado, dando origem a uma exposição de ideias em grupo e até descobrirem formas de conseguirem regular as suas emoções. Jardim de Infância de Seixas

Educadora: Cristina Meneses



## "Isto é Matemática – O Estranho caso da bicicleta que calcula áreas!"



No âmbito das Comemorações do Dia Internacional da Matemática e do Dia do Pi, o Professor Rogério Martins, professor e investigador do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e autor e apresentador do programa "Isto é Matemática", na SIC Notícias, es-



teve no nosso Agrupamento no dia 22 de abril. Realizaram-se dois excelentes espetáculos: um para os alunos do 8.º ano e para as turmas dos Cursos Profissionais e outro para a comunidade educativa, sobre o tema: "Isto é Matemática – o estranho caso da bicicleta que calcula áreas". O Professor Rogério falou de



bicicletas e da sua curiosa relação com a forma como os objetos flutuam na água...

Foram momentos de magia e de grande suspense que cativaram todos os presentes e que mostraram, de uma forma lúdica, que a Matemática está presente em tudo e em todo o lado! Acreditamos que todos os que assistiram a estes espetáculos saíram agradados e de coração cheio... de Matemática!

Ana Mendonça, Arlete Costa e Sónia Seco

## Mudanças climáticas

No passado dia 22 de março de 2024, a sede do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital foi o palco de uma palestra de grande importância sobre as Mudanças Climáticas e a desertificação do território.

Este evento, inserido nas jornadas "AEOH a florir 2024", teve como objetivo sensibilizar os alunos do 8º ano da Escola Básica de Oliveira do Hospital para esta problemática e contou com a participação da Professora Doutora Maria José Roxo, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A palestra abordou de forma abrangente os impactos das alterações climáticas, os principais desafios e as suas consequências específicas para o território português. Temas como o aumento da temperatura resultante da libertação de CO2 nas combustões, a escassez de água e a desertificação foram debatidos com profundidade, levando os alunos a refletirem sobre os desafios ambientais que enfrentaremos num

futuro próximo.

Cerca de 120 alunos estiveram presentes, demonstrando um grande interesse e entusiasmo em participar na discussão dos temas propostos pela palestrante. O envolvimento ativo dos estudantes evidenciou a pertinência deste assunto e a necessidade e importância de educar as gerações futuras sobre a urgência de preservar o meio ambiente.

Esta iniciativa destaca-se como um exemplo de como a educação pode desempenhar um papel fundamental na sensibilização e na mobilização dos alunos para enfrentarem de forma mais eficaz os desafios ambientais globais.

?????????





## “LIBERDADE E POESIA” E “MURAIIS DE ABRIL”



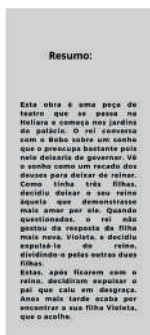
Integrado nas comemorações dos 50 anos da Revolução de 25 de abril de 1974, este patente, na Escola Básica da Ponte das Três Entradas, duas exposições subordinadas aos

temas “Liberdade e Poesia” e “Murais de Abril”. Com base na pesquisa, organização da informação e produção de cartazes nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento, em articulação com a disciplina de História e apoio da Biblioteca Escolar Prof. Dr. Pina Martins, foram divulgados um conjunto de poemas de autores nacionais alusivos à temática da liberdade e exposto vários cartazes com mensagens políticas inscritas em frases e imagens que preenchem muros de edifícios públicos e privados. Após a revolução de abril, os murais foram uma atividade realizada por partidos políticos, associações culturais, comissões e por iniciativa popular, como forma de comunicação visual

e manifestação da participação política e cívica. Pintados nas zonas de maior circulação de pessoas, os murais serviram de cenário e apelo aos votos nos partidos políticos, bem como transmitiam frases e slogans que ficaram para a história (ex: “Unidade do Povo”, “Morte ao Fascismo”, “Viva a Reforma Agrária, ...”). Estas exposições foram complementadas com a apresentação de imagens (legendadas) dos acontecimentos marcantes do dia da “revolução dos cravos”, que marcou o fim do regime autoritário do Estado Novo e restabeleceu a democracia / liberdade em Portugal.

Luís Martins

## AEOH EXPRESSIVO E O TEATRO



No dia 23 de maio, na sala F2, a nossa turma, 7.º A, apresentou uma adaptação do 1.º ato, cena X, da peça “Leandro, Rei da Heliara” e convidámos a turma do 7.º D para assistir. Quando os nossos colegas entraram, começámos por distribuir um panfleto com o resumo da

história e algumas atividades para irem fazendo ao longo da nossa atividade. Para perceberem melhor toda a envolvimento, apresentámos a autora (Alice Vieira) e também as diferentes personagens: o rei, o bobo, os príncipes Felizardo, Simplício e Reginaldo, e

as princesas Amarílis, Violeta e Hortênsia. Continuámos com a apresentação de algumas profissões relacionadas com o teatro, papel também desempenhado por alguns colegas e, assim, ficámos a conhecer um pouco mais sobre as funções do contrarregra, diretor musical, carpinteiro, figurinista e maquilhador/a. Foi também importante referir a razão pela qual os papéis femininos estavam a ser representados por rapazes, recuámos ao tempo de Gil Vicente, e aproveitámos para referir algumas profissões que, em Portugal, as mulheres não podiam desempenhar antes do 25 de abril. No final da nossa representação, ainda houve tempo para referir um pouco a importância do sal e lemos uma lenda, em que foi inspirada a peça, chamada “Lenda da comida sem sal”. Tudo isto aconteceu nas aulas de AEOH Expressivo e foi muito divertido.

## Se eu fosse...

Se eu fosse uma Prímula, em Primulaceae me firmaria,  
Em latim vulgaris, me chamaria;  
Na terra húmida e fértil eu cresceria,  
Com ajuda da luz do sol, a cada novo dia!

Se eu fosse uma Prímula, várias cores eu teria,  
Vermelha como paixão, em chamas eu arderia;  
Amarela como o sol, em luz me transformaria,

Laranja como o crepúsculo, em calor me envolveria!

Rosa como o amor, carinho eu espalharia,

Azul como o céu, em infinito me perderia;  
Branca como a neve, pureza eu exibiria,

Roxa como a noite, mistérios eu revelaria!

Se eu fosse uma prímula, flores pequenas na terra eu brotaria,  
Com cinco pétalas delicadas e em espirais eu dançaria;  
Redondas como uma taça, a minha beleza eu transmitiria,  
E nas manhãs serenas, a minha fragrância surgiria!

Teria folhas verdes, enrugadas e ovaladas,  
Com as bordas levemente serrilhadas;  
Recobriria o solo, num gesto protetor,  
E guardaria as flores, num abraço de amor!

Teria de ser cuidada e ter atenção devotada,  
Ser regada na medida, sem ser exagerada;

Luz indireta, para não queimar o meu viço,  
E retribuiria com flores, num doce compromisso!

Se eu fosse uma Prímula, em significados me envolveria,  
Representando o amor, em cada cor eu reluziria;  
Símbolo de esperança, na terra eu floresceria,  
Anunciando a primavera, a renovação eu traria

Luana Silva, nº 7, 6ºH



## Contos apaixonantes em 77 instantes

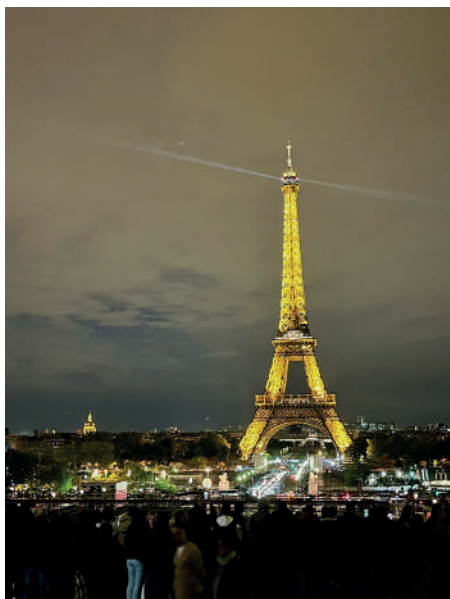
O Ponto e a Vírgula  
Era uma vez dois sinais de pontuação que não sabiam viver um sem o outro. Era uma amizade muito complicada, porque se encontravam raras vezes. Eram o Ponto e a Vírgula.

Eles conseguiam juntar-se em enumerações, tais como: listas de compras, regulamentos... ou sempre que uma frase precisava de uma pausa maior.  
Então, a Vírgula, às vezes tentava atrasar-se e

o Ponto fazia de conta que uma frase ainda não tinha acabado.  
Era assim a sua amizade.

Joel Gomes, nº4, 6ºG

## VIAGEM A PARIS



“Paris não tem fim, e as recordações das pessoas que lá tenham vivido são próprias, distintas umas das outras. Mais cedo ou mais tarde, não importa quem sejamos, não importa como o façamos, não importa que mudanças se tenham operado em nós ou na cidade, a ela acabamos regressando. Paris vale sempre a pena e retribui tudo aquilo que você lhe dê.”

Ernest Hemingway, *A Moveable Feast*, 1964

Ao ler estas frases de Ernest Hemingway, encontro a minha justificação para o facto de já ter ido a Paris cinco vezes, e todas de autocarro, suportando os incómodos de uma longa viagem.

Todos conhecemos Paris como a “Cidade das Luzes”, devido à sua enorme influência no contexto do Iluminismo e ao seu pioneirismo na iluminação pública. Nesta viagem, todos nós ficámos maravilhados com o brilho colorido e luminoso das avenidas parisienses que se refletia nas águas límpidas do rio Sena. O ícone da noite das luzes é a Torre Eiffel, que veste todas as noites o seu traje cintilante de luzências amarelas, que todos nós pudemos observar, no terceiro dia da visita, a partir da Place du Trocadéro.

Rebobinando a fita do tempo, a tão desejada viagem de estudo a Paris foi organizada no âmbito da disciplina de Francês e, à semelhança de anos anteriores, destinada a alunos do 9ºano. Teve início no dia 24 de abril, por volta



da hora quente do almoço, junto à Escola Sede do AE de Oliveira do Hospital.

O que dizer sobre as 24 horas de viagem por locais dignos dos filmes de Almodóvar? O irreal a Surrealizar! Perante os olhos cansados mas curiosos dos alunos (60) e professores (6), Paris foi-se revelando paulatinamente à luz solar do meio-dia. Durante a tarde, percorremos as salas e os corredores da História Mundial do Egito, Roma, Grécia, exposta na pintura e na escultura, onde se destaca a inacessível “Mona Lisa” de Leonardo Da Vinci. Estamos a falar do Museu do Louvre.

O programa do terceiro dia prometia aventuras e viagens pelos principais espaços emblemáticos de Paris. De facto, foi um dia bem preenchido e animado, começando com a Torre Eiffel, «A Dama de Ferro ... para seduzi-los. Ela é sem dúvida a primeira dama da França, mas ela não se abriga em um palácio principesco. A beira do Sena é o seu reino, e sobre os tapetes verdes dos jardins do Trocadéro, desde 1889, o mundo inteiro presta-lhe homenagem.

Esta dama não é outra senão a Torre Eiffel, símbolo da França e emblema de Paris.» Depois das emoções da subida, navegámos nas águas olímpicas do Rio Sena (um dos locais possíveis da Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos 2024), no Bateau Mouche, que nos mereceu uma oportunidade única de apreciar toda a beleza ao redor.

Durante a tarde, a visita ao Centre Georges Pompidou revelou uma surpresa que evidencia o carácter cosmopolita e universalista da cultura francesa: uma sala dedicada ao pintor Amadeo de Souza-Cardoso, onde pudemos apreciar a beleza modernista das suas pinturas, influenciadas por movimentos como o cubismo, futurismo e expressionismo. Este pintor fez parte da primeira geração modernista de Fernando Pessoa, colaborador da revista “Orpheu”.

Que dizer da demanda peregrina em busca da Basílica du Sacré-Coeur, pedonando vários quilómetros através das ruas parisienses? No

final, eis que avistámos «fulgurante/Na sua pompa e aérea formosura” (Palácio da Ventura, Antero de Quental) a basílica no Montmartre. Quanto mais perto do céu, mais longe dos homens! No entanto, este lugar monumental proporcionou a todos admirar este magnífico ambiente e deambular pelas ruas de Montmartre, descobrindo o tão famoso “Quartier des Peintres”. A noite desta jornada culminou com a visita à Torre Eiffel, já aqui reportada.

Visita de penúltimo dia: Disneyland Paris, um cenário onde a fantasia é realidade e onde os contos clássicos da Disney e as lendas de Star Wars ganham vida, projetando-nos para as memórias da infância. É um espaço para quem tem espírito de aventura e gosta de sentir a adrenalina de viagens intergalácticas ou viver os contos de fadas ou histórias de piratas.

Porém, é na escuridão da noite que nos deslumbramos com a “Disney Dreams”. Magia e fantasia em estado puro! A simbiose entre o fogo de artifício, a água, a cor, a música e as projeções sobre o Castelo da Bela Adormecida deixa-nos emocionados e arrebatados numa espécie de inebriamento dos sentidos. Para finalizar esta viagem pela Cidade Luz, resta-me falar dos seus participantes, professores e alunos. Estamos todos de parabéns! Companheirismo, convívio, cumprimento de regras e muita diversão foram os nossos “compagnons de route”.

Paris

Vi-a de relance  
de soslaio, como um triz  
Visão de um romance,  
em sonho, era Paris

Aprazível é ver exposição no Petit Palais  
É caminhar por Montparnasse  
Sentir Les Fleurs Du Mal, Baudelaire  
Bom seria se não passasse!

Como definir? Se quimeras  
Se real  
Se teus bulevares, deveras  
te engalanam de modo abissal?

És o próprio sonho, Paris  
cuja fragrância lembra a do anis.  
Juscelino Vieira Mendes, filósofo e poeta brasileiro

Grupo de professores de Francês do AEOH

## Visita de Estudo 9ºC



No passado dia 15 de maio, a turma do 9ºC realizou uma visita de estudo ao Centro de Formação Desportiva do Desporto Escolar da Esc. Sec. Dr. Joaquim de Carvalho – Figueira da Foz, para realizar uma aula de Surf e Bodyboard, para além de atividades de lazer na praia. Os alunos puderam, ainda, experienciar novas modalidades e demonstraram bom empenho, boa disposição e dedicação nas atividades apresentadas.



## Visita de Estudo ao Museu do Pão e à Ludoteca em Seia



No passado dia 14 de junho de 2024, as crianças dos Jardins de Infância de Alvôco das Várzeas e Penalva de Alva realizaram uma visita de estudo ao Museu do Pão e à Ludoteca em Seia.

No Museu do Pão, as crianças tiveram oportunidade de conhecer o ciclo do pão, através de marionetas, e amassar a massa do pão com a qual realizarem pequenas lembranças. No final da visita foram andar uma voltinha no carrossel, o que fez as delícias das crianças.

Na Ludoteca puderam viajar pelo mundo da

fantasia, da alegria e da magia, BRINCAR livremente sem “guiões” dos adultos na oportunidade única de ser explorador, construir autonomia, relacionar-se e aprender a percorrer caminhos criativos, porque a BRINCAR está a aprender.

Aprender a trabalhar com prazer e eficiência está a preparar-me para o futuro.

Hoje sou criança e o meu trabalho é brincar!

Educadoras de Alvoco e Penalva Joel Gomes, nº4, 6.ºG

## Visita de Estudo à Universidade de Coimbra



No passado dia 12 de abril, alguns alunos do 12.ºano, no âmbito das disciplinas de Sociologia e Psicologia B, visitaram a emblemática Universidade de Coimbra. Alegres pela oportunidade, os jovens tiveram a possibilidade de conhecer, no período da manhã, a Faculdade de Economia, onde são lecionados os cursos de Economia, Gestão, Relações Internacionais e Sociologia. Além disso, foi possível dialogarem com os docentes responsáveis por cada curso, o que lhes permitiu esclarecer dúvidas sobre o ensino superior. Após o almoço, o grupo de alunos ramificou-se em três, que se dividiram pelas Faculdades de Direito, Letras e Psicologia e Ciências da Educação.

Na Faculdade de Direito, os discentes foram acompanhados pelo presidente do Núcleo de

Estudantes de Direito da Associação Académica de Coimbra - AAC - e por uma representante do Instituto Jurídico que, amavelmente, apresentaram as instalações e elucidaram os alunos sobre como poderá vir a ser o seu futuro, caso pretendam licenciar-se em Direito, Administração Público-Privada ou em Direito Luso-Brasileiro.

Na Faculdade de Letras, os jovens tiveram o prazer de conhecer a Subdiretora para o Ensino e Assuntos Académicos, Ana Isabel Ribeiro. Foi possível questioná-la sobre a oferta curricular da Faculdade, mas discutiram-se, sobretudo, os cursos de Filosofia, Jornalismo e Comunicação e História da Arte.

Por último, destacar a visita à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. O gru-

po foi acompanhado pela presidente do Núcleo de Estudantes de Psicologia da AAC e esteve à conversa com o oliveirense e antigo Presidente da AAC, João Caseiro. Após discutirem os cursos de Serviço Social, Ciências da Educação e Psicologia, João Caseiro esclareceu os alunos sobre o tão característico espírito académico de Coimbra.

Foi, sem dúvida, um dia muitíssimo bem passado. Importante é também agradecer, especialmente, aos professores Cristina Castanheira, Luísa Azêdo, Ana Mendonça e Mário Pão Alvo que planearam a viagem. Para além disso, acompanharam os alunos presencialmente e, por isso, o dia tornou-se mais agradável.

Daniela Guímaro, 12.ºB

## Multiculturalidade no AEOH e o PLA (Português Língua de Acolhimento)

O Português Língua de Acolhimento (PLA) tem como objetivo dar resposta às necessidades de aprendizagem da língua portuguesa por pessoas migrantes e promover a sua inclusão. Permite desenvolver o domínio da Língua Portuguesa, na leitura, na escrita e na oralidade, bem como a aquisição de nacionalidade portuguesa.

O nosso Agrupamento trabalha com alunos

adultos de outras nacionalidades há três anos. No presente ano letivo, recebeu cerca de 90 alunos para estudar a nossa língua, na escola sede e em Meruge, distribuídos por seis turmas, nos vários níveis de proficiência (capacidade linguística) que oferecemos: nível de iniciação A1 (4 turmas); nível elementar A2 (1 turma) e nível intermédio B1 (1 turma).

Ao longo do ano, formandos e formadoras (alu-

nos e professoras) estabeleceram ligações de proximidade, empatia e enriquecimento cultural que nos fez melhores seres humanos. A diversidade cultural, que enche a nossa ESCOLA, enriquece a cidade, a região, mas também a comunidade escolar que conta, ainda, com cerca de 200 alunos diurnos de 21 nacionalidades diferentes.

Ana Reis, professora do AEOH

## O semáforo está verde para jogar!

A turma do 6.º C da Escola Básica n.º2 de Oliveira do Hospital construiu um jogo ecológico, ao longo do 1.º período, nas aulas de AEOH Inova, Educação Visual e Educação Tecnológica, com o objetivo de substituir os telemóveis e as televisões na noite de Natal, convivendo com as suas famílias e amigos à volta de um jogo de tabuleiro.

O desafio foi lançado aos alunos pelo seu Diretor de Turma, e estes conseguiram criar verdadeiras obras de arte, sempre com o cuidado de utilizarem o máximo de materiais recicláveis possíveis.

Para a construção deste jogo foram utilizados materiais como: papelão, corante alimentar de

várias cores, cola branca e cana-comum. Este último material foi escolhido, pois é uma espécie de planta invasora em Portugal.

O jogo é, então, constituído por um tabuleiro de 4x3, com quadrados de 4 por 4 cm. É acompanhado por 24 peças, 8 de cor vermelha, 8 de cor amarela e 8 de cor verde, que são as cores do semáforo. Ganha o jogo do semáforo quem conseguir fazer, em primeiro, uma linha de três peças da mesma cor na vertical, na horizontal ou na diagonal.

Os alunos ficaram muito satisfeitos com esta atividade e querem agradecer aos professores e aos Encarregados de Educação, por os terem ajudado tanto. Também as famílias e ami-

gos, que deixaram os ecrãs de lado e jogaram com eles na noite de Natal, merecerem uma palavra de carinho.

E tu, estás pronto para largar o telemóvel e criar um jogo ecológico este verão?

Alunos do 6º C 2023/2024



## Concurso Literário

O Concurso literário «Escrever Abril» organizado pelo Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital, no âmbito das Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH, no ano letivo de 2023-2024, teve os seguintes vencedores:

Aluna Mariana Gonçalves obteve o PRIMEIRO LUGAR NO ESCALÃO C (ALUNOS DO 3.º CICLO) / CATEGORIA: POESIA

Aluna Clara Marques dos Santos obteve o PRIMEIRO LUGAR NO ESCALÃO D (ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO) / CATEGORIA: POESIA

Professor António Moreira de Campos obteve o PRIMEIRO LUGAR NO ESCALÃO E (PESSOAL DOCENTE E NÃO DOCENTE) / CATEGORIA: POESIA

Professora Gina Maria Marques Pereira obteve o PRIMEIRO LUGAR NO ESCALÃO E (PESSOAL DOCENTE E NÃO DOCENTE) / CATEGORIA: PROSA

O Concurso de Cartazes organizado pelo Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital, no âmbito das Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH, no ano letivo de 2023-2024, teve os seguintes vencedores:

Pré-Escolar: JI de Alvôco das Várzeas – aluno Valentim Gonçalves;

Pré-Escolar: JI de Alvôco das Várzeas – aluno Valentim Gonçalves;

1.º CEB – Joana, 3.º C;

2.º CEB – Letícia Costa, 6.º D;

3.º CEB – Luísa, 8.º C;

Ensino Secundário: Idan Levi, 11.º C.

### António Campos - Nasci nas faldas da serra

Nasci nas faldas da serra  
Numa terra pequenina onde cresci  
E onde vi partir e sair dali  
Meus irmãos e outros a caminho de uma guerra.

O meu País era escuro, cinzentão  
E nesse abril da minha juventude  
Havia no ar um Mundo de sofreguidão  
Havia em mim um sonho, uma ilusão  
E no meu Povo uma atitude de...  
Acabar com uma guerra que nos assustava

Havia mesmo um sonho...

Nesse passado triste e duro  
Que a todos sufocava  
Pois em todos nós criava  
Um desejo tão grande de mudança...

Eis então que a Esperança  
Surge lá pelo meio de abril  
Esse abril de uma manhã acinzentada  
Quando os gritos de alegria  
Nos chega a todos na televisão e na alvorada  
Dessa manhã que abril pariu.  
Mas só quem sabe e assistiu  
Na alegria dessa manhã de abril  
Servida em copo e alegria a rodos  
Nesse abril de luta e coragem somente  
Numa Alegria imensa de mar de gente  
Que me inundava a mim e a todos!

Ai esse abril de luta, de flores e de cravo  
Ai esse abril de sonho, de cenas e de ato  
Ai esse abril de mil novecentos e setenta e quatro

Esse abril de mão cheia, esse abril tão bravo  
De choros, gritos e cartazes  
De clamores e "slogans" audazes  
Esse abril que a todos mudou  
Esse abril de alegria e sem fantasmas  
Esse abril tão florido nas armas  
No cano das espingardas ...  
Apenas um CRAVO !

Esse símbolo da Revolução  
O "V" da vitória nos dedos da mão  
Mas hoje fazemos história...  
E ficará na memória  
Apenas e só, os já 50 anos...  
Mas nisto não há idade  
Para um abril que ecoou  
Na voz de um povo que por fim gritou:  
- VIVA A LIBERDADE!

Camoa, 2024

### O meu avô era abril

O dia anunciava o seu fim, Pedro desligou o computador e da larga janela do escritório contemplou o crepúsculo. O sol alaranjado deixava pinceladas no horizonte. Deteve-se, por alguns segundos, a observar aquela dádiva da natureza, enquanto uma lágrima lhe embaciava o olhar. Já não seria possível repetir um fim de tarde assim na companhia do avô António! O coração contraiu-se num lamento. Não só ainda não se tinha refeito da recente partida dele, como amanhã seria o seu primeiro aniversário sem a sua presença.

Apressou-se a limpar a lágrima da face. Não

queria que ninguém presenciasse a sua fragilidade, tanto mais porque estava no escritório e qualquer colega de trabalho poderia entrar no seu gabinete. Arrumou o computador na pasta, vestiu o casaco e saiu. Na receção balbuciou um: "Bom feriado!" e afastou-se antes que Joana, a sua assistente, retribuísse o que quer que fosse.

Já no carro, ouviu o noticiário das 18 horas que anunciava as comemorações do cinquentenário do 25 de abril no dia seguinte. Pois é, a revolução dos cravos fazia cinquenta anos e ele quarenta! Habitou-se a partilhar a sua festa de anos, com a festa da liberdade. A princípio, não percebia porque é que o avô lhe dava sempre um cravo vermelho no dia do seu aniversário, mas nunca se preocupou com isso, recebia muitas prendas e, ao contrário de outros meninos, nunca ia à escola. Era um rapaz cheio de sorte! Pela mão do avô António, ele e o 25 de abril cresceram juntos.

"Amanhã faço quarenta anos. — pensou — Amanhã a Liberdade terá a grande festa do seu cinquentenário e eu quero desfrutar da liberdade de não ter festa nenhuma!" Por mensagem pediu à esposa: "Mariana, por favor não quero que me faças uma festa de anos. Sei que é uma data especial, mas não me apetece comemorações. No fim de semana, quando os miúdos vierem, vamos almoçar fora e festejamos". Preparou-se para a viagem de cerca de uma hora que separava o Gabinete de Arquitetura, onde trabalhava como arquiteto, e a sua casa. Respirou fundo, pôs o carro a trabalhar. Na rádio, várias pessoas davam o seu testemunho sobre o dia 25 de abril de 1974 e percebeu que também ele viveu abril, apesar de ter nascido uma década depois. Sorriu e disse para consigo: "Vamos avô, meu construtor de sonhos!"

Com quarenta anos, Pedro tinha uma notável carreira como arquiteto e assinara já projetos que marcavam a atualidade e o tornaram conhecido além-fronteiras, mas a discrição era a sua principal característica. Nunca quis sair da terra que o viu nascer e, por isso, suportava todos os dias a viagem até ao Porto. Aprendera com o avô a não desistir dos sonhos, a construir a sua felicidade. Em criança, quando saía da escola ia para a marcenaria dele. Via-o trabalhar com afinco e carinho nos móveis que construía e, sem saber, o avô António foi o seu primeiro professor de Desenho e de História. Foi desta forma que nasceu a sua paixão pela arquitetura e assim partilhou a sua história de vida com a História do 25 de abril. Nas tardes que passavam na oficina, o avô contava histó-



rias do seu passado e, falar da sua vida era fácil, também, da festa da democracia. Com frequência, o avô dizia:

— Pedro, tu és filho da liberdade, tu podes ir longe!

— E tu não foste porquê, avô? Nunca saíste daqui?

E o avô recordava os tempos de juventude, a vida dura e de trabalho, a opressão e o medo de dizer o que pensava. “O medo não nos deixava voar, filho! O medo não nos deixava ir longe!” — dizia tantas vezes o avô. E foi nesses fins de tarde que o Pedro ouviu falar de Salazar, da P.I.D.E., da guerra colonial, da miséria e da fome que grassava nas famílias mais numerosas, das idas “a salto” para França e dos contrabandistas que os ajudavam a passar a fronteira. O avô lembrava com amargura esse tempo, mas os seus olhos brilhavam quando se referia ao ano de setenta e quatro e aos vindouros. Pedro escutou, sem se aborrecer, vezes sem conta, as histórias dos dias que se seguiram ao dia 25 de abril. A imagem do avô sentado na cadeira de baloiço, que ele próprio construía, a contar histórias sobre o 25 de abril era parte de si. E agora, enquanto conduzia, elas renasciam na sua mente e era capaz de as reproduzir.

“Oh Pedro— dizia ele —nunca tive meninice, éramos muitos e o teu bisavô trabalhava de sol a sol para não faltar o pão na mesa, pelo que em criança não havia as modernices de agora e a melhor prenda era não doer a barriga com fome, como acontecia a alguns miúdos da minha idade. Nunca soube o que era ser adolescente, pois comecei a trabalhar mal saí da escola. Sempre ouvi ao meu pai que na rua era para andar calado e nada contar do que se passava em casa. Eu e os meus irmãos não nos atrevíamos a prevaricar, principalmente, se o Senhor Antunes estivesse por perto. Ele tinha um ar estranho, vestia uma gabardine e caminhava cabisbaixo. Parecia alheado de tudo, mas eu tinha a ideia de que ele ouvia até o que nós não dizíamos. E aos domingos quando a rapaziada se juntava no largo, ele também andava por lá. Causava-me arrepios e o meu coração dizia para me afastar. Mais tarde, quando recebi uma carta com ordem para ir votar, o meu pai disse-me que a culpa era do Antunes! Foi então que soube que ele era “bufo”, isto é: vigiava tudo e todos, pois pertencia à P.I.D.E. Agora escolhemos em quem queremos votar, muita gente não vota e cada vez é maior a abstenção. Sabes, esta gente não vota, porque não sabe o que é a liberdade! Não precisou de a conquistar! E quando vejo aquele olhar do Salgueiro Maia, com a G3 ao ombro, após a missão cumprida, penso que a melhor condecoração, que os capitães de abril mereciam, era não haver abstenção. Nesse tempo, eu votei por medo, não porque gostasse do que via, mas hoje voto com satisfação, pois há liberdade de escolha. —E com um olhar fixo no horizonte terminava dizendo — Nunca deixes de voar, Pedrito, Só assim te farás homem!”.

Sorriu, continuou a viagem e as histórias do avô António surgiam em catadupa na sua cabeça. Recordou a do Manuel que pagou uma multa porque não tinha licença para usar isqueiro e a do Francisco Bento que não tinha a licença do cão de guarda e disse à frente do Antunes que o cão era a sua companhia, não o seu guarda! “Que tempos! — balbuciou — Hoje queixamo-nos sem razão!”

O crepúsculo deu lugar à noite, o frenesim do trânsito ficou para trás da Arrábida. Desta vez,

trocou a A1 pela estrada nacional e, espaçadamente, cruzava-se com outros carros. Na rádio, o locutor lembrava Paulo de Carvalho e a canção “E depois do adeus” que ficara eternizada como a senha do 25 de abril. Cantarolou: “Quis saber quem sou /O que faço aqui/ Quem me abandonou/ De quem me esqueci...” A voz embargou-se não porque não soubesse a letra, mas porque a saudade dos dias em que a cantava com o avô tomou conta dele! E, enquanto no rádio, a voz de Paulo de Carvalho cumpria abril, Pedro refletia sobre a letra daquela canção... Sempre soube quem era, nunca renegou as suas origens, estava a cumprir o seu projeto de vida, regozijava-se com a união da sua família e jamais esqueceria o avô António, o seu pilar. Imbuído destes pensamentos, chegou a casa invadido por uma saudade atenuada pelas reconfortantes memórias.

No dia seguinte, acordou cedo, ainda mais cedo que o habitual. Era feriado, era o dia 25 de abril, mas a Florista da sua pacata vila abria a porta da loja de par em par. Dois enormes potes repletos de cravos foram colocados à entrada. Também ela festejava abril ou, quem sabe, esperava que abria a presenteasse com boas vendas... — Bom dia, Rosa.

— Sr. arquiteto, — disse surpreendida— o que o traz por cá tão cedo? Bom dia.

— Quero cinquenta cravos vermelhos, por favor— respondeu sorrindo.

Depois de pagar, pegou no ramo de cravos que a Rosa preparara, despediu-se e dirigiu-se ao carro. Sentado ao volante, apercebeu-se de que a tristeza, que no dia anterior tomara conta dele, dera lugar a uma serenidade apaziguadora de onde despontava uma certa felicidade e os seus olhos brilhavam enquanto ligava o carro. Ia visitar o avô. Nunca mais o fizera desde aquele fatídico dia...

Abraçou os cravos, deteve-se um pouco em frente ao inóspito portão. Entrou. Por momentos, ficou de pé junto do retângulo de pedra mármore, onde acabou por se sentar. Olhou a fotografia do avô e conversou com ele por um tempo que os relógios não são capazes de contar. Só o Pedro falava, mas acreditava que o avô António estava feliz. Imaginou-o até a rir às gargalhadas ao vê-lo chegar com tanto cravo vermelho, que distribuiu pelas duas jarras! No final, observou a fotografia e desviando o olhar para o céu disse:

— Cumprir-se-á a tradição, onde quer que estejas, avô. Parabéns abril!

Um pouco afastada, ouviu-se uma voz:

— Parabéns, Pedro!...

Incrédulo, olhou para o lado direito e viu Mariana que, apercebendo-se da turbulência dos seus sentimentos, sabia que aquela saída maldrugadora se prendia com as saudades do avô António, por isso não foi difícil adivinhar onde se dirigia, quando a batida da porta a acordou. Ele parecia incapaz de reagir. Ela caminhou na sua direção e foi pela mão da Mariana que este ano o Pedro recebeu o cravo vermelho, sem festa como ele pedira. Deram um longo e sentido abraço onde as lágrimas tiraram lugar às palavras, porque há sentimentos que, com ou sem palavras, agora se expressam livremente.

José Sousa

### A estranha Liberdade

Liberdade, quem és tu?

Talvez sejas o som do mar

Ou as suas ondas, que certamente mais livres

como elas não há

Mas talvez sejas a capacidade de amar

Ou um crachá

Que não sabe sair do seu lugar

Não. Tu és mais.

Tu és passeios na rua

E conversas alheias

És promessas nuas

E expectativas de amargas ideias

Defendes verdades cruas

Mas não te enganes, a mentira também corre nas tuas veias

Liberdade, mas afinal o que és tu? De que és feita?

Eu sou feita de filmes românticos

Como Romeu e Julieta

E das cartas de amor

Que sem dúvida são as eleitas

Sou feita de clichês

Mas também dos seus porquês

Eu sou feita de cores

Sou cantigas já velhas

Sou dois olhares estranhos que se cruzam

Muitas vezes sou fantasmas

Perco horas com o que não importa

Ou com coisas raras Talvez até com tralhas,

Respondeu ela.

Mas queres saber a verdadeira ironia?

Perguntou ela.

O que sou eu realmente?

Bom, no fundo não passo de uma simples utopia

Que todos almejam alcançar loucamente

Cometendo as maiores ousadias

Gravando pessoas na pele

Percorrendo lugares

Escrevendo poemas

Para que no final da viagem

Quando olharem para trás

Todos os dilemas, oceanos e amores

Tenham sido suficientes

Então, se a liberdade é uma ilusão

Mas também é o amor, a esperança, a felicidade e o sofrimento

Não posso eu criar a minha própria liberdade?

Sendo que ela está tão intrínseca em mim

Como todos aqueles sentimentos? Perguntei eu

Mas não obtive nem um latim

Afinal, Liberdade

Tu és deixar para trás o que já não me pertence

És viver sem medo de o ser

És o mundo que eu quero conhecer

E liberdade sou eu, tu e quem quiser aparecer

Laurinda Solis

### Grito de liberdade

Como será viver na ditadura?

Não quero pensar,

Nem imaginar

Como será duro viver nessa censura!

Mesmo sem me conhecerem,

Lutaram, lutaram por mim E a liberdade conquistaram

Para vivermos, livres, assim!

Cravos vermelhos pelo ar

Papoilas que gritam

Gaivotas a voar  
Crianças a saltar e sonhar

Não posso imaginar  
Não quero mesmo pensar  
Como seria viver tamanha censura  
Naquela ditadura

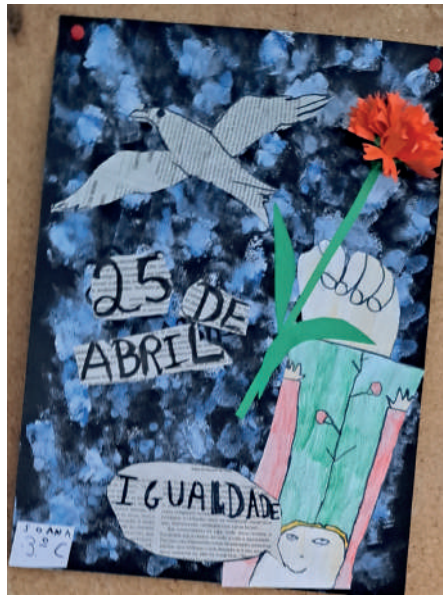
Só quero cravos, não quero combater  
Só quero gritos de papoilas e não gritos do sofrer

Quero continuar sempre a cantar  
Somos livres, somos livres de voar...

Libânia Keva, 2024



## Concurso de Cartazes



## DIA MUNDIAL DA CRIANÇA



### Festa da Criança

Sou criança e vou saltar  
Ao longe, perto do céu  
Os meus olhos vão brilhar  
Por baixo do meu chapéu.

Sou criança e vou sonhar  
Deixa-me brincar mais além  
Dentro de mim há magia  
Jogar dentro de um vaivém  
Na mais pura alegria.

Sou criança e quero ser feliz  
Posso ser o que eu quiser.  
Cantar e voar como um colibri  
No meu mundo tudo vai acontecer!

Texto coletivo: Nogueira do Cravo- 3.ºC

## Dever cumprido...



No dia 1 de junho, a D. Maria dos Milagres iniciou a sua aposentação. Sentimento de dever cumprido, de ter amado tantas crianças que consigo conviveram, com responsabilidade e um sorriso nos lábios. As crianças sentem a sua falta, porque foi uma avó presente, muito fofinha e carinhosa...

No dia 29 de maio, no Jardim de Infância, fize-

mos uma singela homenagem e no dia 21 de junho, na festa de final de ano, perante a família do grupo atual, concluímos a homenagem tão merecida. Só palavras não chegam para lhe agradecer e por isso oferecemos um lindo ramo e um quadro com o nome de todas as crianças que estiveram no final da sua carreira profissional. Mas também lhe fizemos uma marotice, que no momento de verter uma lágrima de despedida, ajudou-nos a todos também a chorar de alegria... As crianças e os adultos cortaram o bibe que estava a usar pela última vez. A Educadora proferiu umas palavras e disse aquilo que estava no quadro "Quando uma pessoa é excelente naquilo que faz, jamais é esquecida! Agradecemos a sua dedicação e desejamos que aproveite, com muita alegria, a nova etapa da sua vida. Felicidades"

Educadora e Crianças do JI de Largo da Feira

## AEOH EXPRESSIVO E A POESIA

Os alunos do 7.º B aceitaram o desafio do projeto "Ser Poesia, Escutar Poesia".  
Se tens curiosidade em ouvir, lê o QR Code!



### Ficha técnica

**AEOH**  
Agrupamento  
de Escolas  
Oliveira do Hospital

**Mega 5** Jornal do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital

**Ano 9** - N. 28 - julho de 2024

**Responsabilidade Editorial:** Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital

**E-mail** jornal.mega5@aeoh.pt

**Equipa:** Isabel Dinis (coordenadora); Dulce Costa, Luísa Costa, Rosa Molefas.

**Colaboradores:** Daniela Guímaro (12ºB), Mafalda Correia (12ºC) e Matilde Santos (12ºB)

**Paginação/Impressão:** CopiArte - Irmãos Seixas, Lda  
copiarte.lida@gmail.com | Tlf.: 238 60 44 88